

**As verdades do Adventismo,
quando postas em prática,
ajudam-nos a juntar de novo
os restos dispersos das
nossas quebrantadas
relações e a construir lares
mais sólidos.**



Acerca deste número:

Há palavras que são para nós mais doces do que quaisquer outras: liberdade, mãe, etc. Entre elas, a palavra *lar* ocupa um importante lugar. Abrange uma grande variedade de associações: conforto, protecção, amor.

Mas também é verdade que esta preciosa palavra se tornou um signo de amargura. Efectivamente, o lar pode transformar-se num campo de batalha onde os esposos se agrirem mutuamente e onde ambos guerreiam os filhos. E esta amargura dissolve, todos os anos, milhares de lares.

Os Adventistas do Sétimo Dia são um povo que dá grande valor ao lar e à família. Nós consideramos que o lar é a base tanto da igreja como da sociedade. Instituído por Deus, tal como o Sábado, veio até nós como uma bênção do Éden.

O Sábado e o Lar estavam unidos no princípio e unidos devem permanecer hoje, ao esperarmos a volta do nosso Senhor. São dois elos de uma mesma cadeia, um reforçando o outro. Sabemos que faz parte da nossa missão converter o coração dos pais aos filhos (ver Malaquias 4:5, 6). Ellen G. White, distinta escritora da nossa Igreja, escreveu muito sobre o lar e a família em *O Lar Adventista*,

Orientação da Criança, Mensagens aos Jovens e Letters to Young Lovers (Cartas a Jovens Namorados, ainda não traduzido em Português).

A *Revista Adventista* contém frequentemente artigos sobre a família. Mas, dada a situação perigosa em que o casamento e o lar se encontram na sociedade moderna, achou-se oportuno dedicar um número especial a este tema. Desejamos elevar bem alto o ideal do lar cristão. Achamos que se Cristo for a cabeça do lar, isso tornará diferentes — bem diferentes — as relações entre marido e mulher, entre pais e filhos, e entre os familiares.

Compreendemos, também, que vivemos num mundo quebrantado por relações imperfeitas e imperfeitos lares. Muitos dos nossos leitores já sofreram — e sofrem neste momento — a dor profunda de estabelecer um lar. Desejamos oferecer-lhes esperança e ajudá-los.

Muito do material incluído neste número foi extraído da *Review and Herald*, cuja redacção trabalhou em colaboração com o staff da Conferência Geral ligado ao *Serviço Lar e Família*. Esta secção veio à existência devido à necessidade premente de ajudar a construir lares adventistas cada vez mais

fortes e eficientes. O *Serviço Lar e Família* é um centro de desenvolvimento, de experiência e promoção de programas destinados a ajudar a vida em família. Anima e orienta os conselheiros familiares profissionais e realça a abordagem da «medicina preventiva». Tem como objectivo ajudar pastores e leigos a construírem uma atmosfera saudável nos seus lares, fortalecendo assim a Igreja.

O Pastor António Maurício, responsável pelo Serviço Lar e Família na União Portuguesa, deu-nos o seu contributo através do artigo «Lar», apresentando uma perspectiva bíblica desta importante instituição divina.

«Envelhecer — Um Castigo ou um Privilégio?» é da autoria do Dr. Daniel G. Esteves, director do Departamento de Saúde e Temperança da nossa União. Interessante abordagem médico-cristã de um tema que a todos diz respeito.

Ao Dr. Samuel Ribeiro, médico-pediatra e ancião da igreja central de Lisboa, devemos o importante artigo «Construindo um Lar Sólido», o qual apresenta alguns aspectos práticos relacionados com a criação e manutenção de um lar sólido e feliz, que é o desejo do Senhor para todos os Seus filhos.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Janeiro 1986

Ano XLVI • N.º 473

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDAÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 550\$00

Número Avulso 55\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Trabalho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

3 O que é uma Família?

Por John B. Youngberg

5 Vantagem Adventista na vida familiar

Por Ron Flowers

7 Lar

Por António Maurício

9 Construindo um lar sólido

Por Samuel Ribeiro

11 Que compete ao homem, ou à mulher, fazer?

Por D.W. e Betty Holbrook

15 Os Dez Mandamentos dos pais

Por Kay Kuzma

18 Envelhecer — um castigo ou um privilégio?

Por Daniel G. Esteves

20 Quando a religião divide o lar

Por Helene Rhodé

22 A Família de hoje

Por Roger L. Dudley

26 Porque é que os pais adventistas não podem ser complacentes

Gary Swanson entrevista Paul e Carol Cannon

OFERTA ESPECIAL PARA ABERTURA DE NOVAS SALAS DE CULTO

1 de Março de 1986 ☆ 5 de Julho de 1986

Nestes dois Sábados, será levantada uma oferta especial em todas as nossas igrejas e grupos.

Deus colocará no coração de cada um qual a sua contribuição.

No entanto, temos uma sugestão: Dividir uma oferta especial de, pelo menos 2.000\$00 por dois. A Oferta seria de MIL ESCUDOS em cada dia especial.

NOVAS LUZES DO EVANGELHO DEVEM BRILHAR, AGORA!

O que é uma Família?

JOHN B. YOUNGBERG

Em família, podemos tirar as nossas máscaras, e ser nós mesmos.

A seguir a cada boda, deveria haver *um casamento* e desse casamento deveria sair *uma família*. Se isso acontece em sentido físico, nem sempre é verdade em sentido espiritual-emocional.

Há doze anos, eu e a Millie encontrávamo-nos junto ao altar. Os meus dois filhos (a minha primeira mulher morreu de cancro) ajudaram-nos a acender a vela da unidade, que muitas vezes se usa em cerimónias nupciais. Mas nós os quatro deixámos as nossas velas individuais a arder, querendo, com isso, representar a nossa individualidade única de seres humanos. O nosso casamento celebrou-se num triste dia de Inverno, mas foi-se fortalecendo à medida que fomos aprendendo a conviver, a partilhar as nossas vidas um com o outro. Todavia, uma «família» traz à vida outras dimensões, tanto horizontais como verticais. Não significa apenas ter filhos. Há algo mais que leva a que pessoas e coisas se «entretaçam» num molde de unidade na diversidade.

Ouve-se muitas vezes falar do «elevado custo de vida». Gosto desta expressão. Viver em família tem um custo elevado. Mas o próprio custo da vida é a sua maior recompensa! Para alguns, parte do custo pode ser nunca se casarem. Por escolha ou circunstâncias, podem ter de dedicar as suas vidas em sacrifício por outros; e, contudo, a sua família pode ser



«Um pequeno Céu na Terra»

uma grande família, talvez rapazes e meninas numa escola em que ensinam, talvez num orfanato, no seu próprio país ou em terras distantes!

Cristo sabia o que significava uma verdadeira família. Apontou para os crentes e disse: «Eis aqui minha mãe e meus irmãos» (Mat. 12:49). Não é verdade que muitos de nós sabem por experiência própria que há laços «mais chegados do que irmãos»? Há pessoas com as quais sentimos mais afinidade do que com certos parentes a que nos ligam laços de carne e sangue.

Se é apropriado alargar a palavra família a esta dimensão mais ampla, também é apropriado debruçar-se sobre alguns dos seus pontos específicos como parte do ideal divino para o homem e a mulher, e para a sua prole.

O plano de Deus para o homem foi um casamento monóga-

mo e heterossexual (Gén. 1:27, 28; 2:24; Lev. 18:22; Cantares 2:2, 3). Tem de haver deixar e tomar, entrega e dádiva. Na experiência da intimidade sexual, marido e mulher deverão chegar mais próximo da compreensão da relação que Deus deseja que tenham — que sejam uma só carne. O relato do livro de Génesis diz: «E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam» (Gén. 2:24, 25).

Aqueles primeiros dias no Éden marcaram profundamente a única família perfeita que o mundo já conheceu. Havia perfeita satisfação das necessidades mútuas, unicidade dos membros humanos, e unicidade com a família celestial. Mas um poder alienatório, que não tinha quaisquer direitos, e que nunca os terá, insinuou-se subtilmente entre esse primeiro par, roubou o coração de Eva, e, a seguir, o do seu companheiro. Se o

JOHN B. YOUNGBERG

Director do Departamento de Educação Religiosa e Educação Fundamental na Universidade de Andrews.

Criador da família não Se tivesse interposto para curar as afecções provocadas pelo *destruidor da família*, nenhum de nós conheceria o sorriso dos olhos, o aperto de mão, o riso de um bebê ou a atracção de um coração. O Calvário ratificou a derrota do destruidor da família, derrubou os muros que separam (ver Efés. 2:13-16) e reconciliou-nos a todos como membros da «família dos céus e da terra» (cap. 3:15). O Pai fez-nos aceites e «agradáveis a Si» (1:6).

O que é uma família? Uma família é um lugar engraçado — algumas vezes é um circo e nós somos os palhaços — onde podemos tirar as nossas máscaras, e ser nós mesmos. Uma família é um lugar onde alguém se preocupou quando nos nasceram os primeiros dentes e onde ninguém deixa de me considerar se eles me caírem. Família é onde podemos deixar o cabelo desarranjado (e onde ele um dia cairá) sem que isso vá comprometer a nossa identidade.

Um manhã, estava a pentear-me ao espelho da casa de banho, quando reparei que as «coisas» lá no alto estavam a diminuir consideravelmente. Com toda a serie-

dade, perguntei à minha mulher:

— Millie, amar-me-ias se eu não tivesse cabelo? Ela respondeu:

— John, eu amava-te nem que tivesses só um cabelo! Continuei a pensar no caso e disse-lhe:

— Mas que aconteceria se me caísse esse último cabelo?

— Ela deu-me uma tranquilizante palmada e disse:

— Guardava-o num pequeno frasco e conservava-o para o museu da família! Isto é *família!*

O que é uma família? Para mim, família pode ser construir uma barraquinha nas montanhas da Carolina do Norte. (Nós fizemos os documentos de tal maneira que todos somos proprietários legais; «interesse indivisível» é o nome legal desta forma de propriedade.) O Jonh Jr. foi o engenheiro da construção e o Wes foi o perito da mistura do cimento. Ajudou a abrir os alicerces com um braço em gesso (devido a um acidente com um monopatim). Com o braço direito, empurrava a pá até ao terreno, a seguir tirava o entulho, empurrando-a com o pé. A Millie foi a nossa agente de compras: fornecia-nos os materiais e tratava desses pormenores. Era também a «oradora» oficial para que não chovesse, dado que todo o tempo ouvíamos ecoar através dos montes o trovão ameaçador, e lama era o que mais temíamos.

Família é tomar tempo para fazer coisas juntos. Ir até à nossa «barraca», num salto, num intervalo da Primavera, e acordar com o crepitar da lenha na lareira e ver que durante a noite Deus pintou o mundo de branco. E da minha janela, que era qual moldura de um quadro vivo, admirarmos toda essa maravilha. Até o ramo mais feio, que caía do carvalho junto da janela, parecia agora imaculado. E parecia dizer-nos com o seu cetim cristalizante: Vejam como eu sou belo!

Família é ter a Avó connosco. A perspectiva dos seus 93 anos dá-nos um sentido de onde vivemos,

e as suas orações dão-nos esperança no futuro. Antes de exames finais, filhos e netos telefonam à Avó para que ela ore por eles.

Família é «fazer equilíbrio» quando «ainda há muito mês e se está no fim do dinheiro». É quando a necessidade económica nos aproxima, em vez de nos afastar; é onde cada um tem algum dinheiro para gastar como lhe aprouver. Família é fazer um «bolo pobre» para os anos do mais pequeno (pôr-lhe velas e tudo), quando não há dinheiro para comprar um bolo de aniversário na pastelaria — e desfrutá-lo até à última migalha! Família é todos por um e um por todos!

Que é uma família? Família é um museu de recordações, onde guardamos uma mecha de cabelo e os óculos que o Avô usava. Família é um hospital. É doença e morte. É esperança numa terra melhor, onde «haverá o reatar da cadeia familiar». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 632.

Família é tradição, é onde aceitamos a nossa parte como um elo entre o passado e o futuro. É um lugar onde o dom da vida se reverencia, onde até as gravidezes inesperadas são aceites e prezadas como um tesouro. Família é escolher não fazer abortar um filho, porque isso equivaleria a fazer abortar, também, netos e bisnetos. Família é um relicário de verdade, onde transmitimos à geração vindoura o sagrado legado que recebemos dos nossos pais.

Que é uma família? Família é um lugar onde aprendemos a ternura e a bondade, e onde somos preservados do egoísmo de querer viver somente para nós próprios. Família é um lugar onde podemos falhar, cair, levantar-nos e tentar outra vez, porque «se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só, pois caindo, não haverá outro que o levante» (Ecl. 4:10). Família é um pacto para nós ajudarmos uns aos outros a fim de podermos viajar juntos, com os olhos marejados de lágrimas ou com um sorriso nos lábios, em direcção ao lar do Pai.



ACÇÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA

Janeiro-Março 1986

«Uma hora de trabalho missionário por semana»

- I. Folhetos de Choque
 - *É a Hora*
 - *Urgente*
- II. Cartões com resposta paga
- III. Cursos de *A Bíblia Responde*
- IV. Folhetos sobre Saúde
- V. Folhetos sobre Doutrina
- VI. Revista *Sinais dos Tempos*

Vantagem adventista na vida familiar

RON FLOWERS

Na nossa doutrina existem verdades que podem ajudar-nos a construir lares mais sólidos.

Quando Tomás e Joana saíram da igreja, naquela manhã de Sábado, em Dezembro do ano passado, eles eram de novo, marido e mulher. Eram-no pela segunda vez. O seu «recasamento» teve lugar após seis anos de separação e divórcio. Que aconteceu?

Quando Joana procurava recomeçar a sua vida, após o divórcio, ela encontrou a Cristo e foi baptizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Partilhou então as boas-novas com Tomás, seu ex-marido e também ele começou a frequentar a nossa igreja. Ao passar pela experiência da sua própria conversão, Tomás foi, também, baptizado. Começaram a ver-se outra vez e decidiram recomeçar a sua vida a dois.

A tarefa de reconstruir a sua vida não foi fácil. Os velhos obstáculos continuavam ainda no caminho. «Mas Deus derribou os muros que nós erigimos com medo de ser feridos», disse Joana à congregação durante a cerimónia especial que os uniu, «e então decidimos amar-nos outra vez».

Tomás disse: «A mim, o que me ajudou muito foi esta igreja. É uma igreja amável, cordial, e têm diante de vós dois exemplos do que a amizade tem o poder de fazer.» Uma congregação profundamente comovida ouviu o pastor referir como Deus perdoa o passado, restaura as relações matrimo-

niais quebrantadas e nos concede a graça de poder ter novos começos. De Joana e Tomás, ele disse: «A sua relação tem agora um novo elemento, que não tinha antes.»

O que aconteceu a este casal foi uma experiência sublime e fora do comum. Não é o que acontece a milhares de lares, mesmo dentro da igreja, quando surgem problemas e dificuldades no casamento e nas relações familiares. Este elemento, que constituía uma diferença fundamental nas novas vidas de Joana e Tomás, está à disposição de outras Joanas e de outros Tomás que o desejem. Está à disposição dos casais cujos casamentos se tenham tornado monótonos, daqueles que têm de enfrentar conflitos, mas que lutam por permanecer juntos. Está à disposição dos que se divorciaram, dos que talvez estejam sem esperança de reconciliação, mas que desejam profundamente reconstruir as suas vidas. Está à disposição dos pais desorientados pela tarefa diária de educar filhos ou de salvaguardar adolescentes numa sociedade moralmente corrupta. Está à disposição dos solteiros, dos que, por escolha ou circunstância, têm de enfrentar a vida sozinhos.

Este elemento único, capaz de transformar vidas, que é ele próprio um aspecto afirmativo de vida, é o Evangelho associado à fé adventista — é este conjunto de verdades dinâmicas acerca de um Deus pessoal, profundamente interessado em nós e nas nossas famílias. Tais verdades, quando postas em prática, ajudam-nos a juntar os pedaços quebrantados da nossa relação matrimonial ou familiar e ajudam-nos a construir lares mais sólidos, famílias mais unidas.

Conhecimento das forças espirituais que afectam as nossas famílias. Em virtude da nossa crença básica num Deus onnipotente, pessoal e todo-poderoso, e na Sua intervenção na história humana, podemos entrar em contacto imediato com Alguém que pode operar uma diferença entre nós e o mundo, na nossa maneira de lidar com o *stress* e a instabilidade, de lutar com a mudança, com as dificuldades e reptos da vida familiar. Na Palavra de Deus foi-nos dada uma visão do grande conflito cósmico que tem lugar no universo. Isso proporciona-nos um conhecimento inestimável através do qual podemos ver o nosso lugar no esquema de Deus, compreender o nosso propósito e missão nesta Terra. Tal perspectiva pode ajudar a nossa família a fixar objectivos de acordo com a vontade de Deus e a estabelecer prioridades no uso do tempo, dos talentos e dos meios financeiros.

Na luta entre o bem e o mal, também o nosso casamento sofre os assaltos do inimigo, com o fim de caluniar Deus e de nós prender nas malhas do mal. As Escrituras falam da falácia humana e dos seus efeitos sobre a família. Mas mostram também que não somos deixados sozinhos para enfrentar tal luta na nossa condição humana. A Bíblia revela-nos como Deus nos une em Cristo e às nossas famílias, e dá-nos directrizes sábias para a vida familiar através do Seu Espírito, que habita em nós, e através do cuidado dos anjos e do auxílio dos nossos companheiros na fé. Quando um marido, uma mulher, ou um casal estuda as Escrituras com corações cheios de fé, quando os membros da família se reúnem em oração, então podem apoderar-se desses recursos e encontrar encorajamento para

RON FLOWERS

Director-Adjunto do Serviço Lar e Família da Conferência Geral.



Poder ao alcance de todos

viver em terra do inimigo. Eles partilham da vitória de Cristo e regozijam-se na esperança de serem, um dia, unidos à família do Céu.

No mandamento do Sábado existe uma mensagem para a família. «O Sábado e a família foram ambos instituídos no Éden, e no propósito de Deus eles estão indubitavelmente ligados.» *Educação*, p. 250. Através da nossa observância do Sábado, Deus deseja alertar as nossas mentes para alguns aspectos especiais das relações familiares.

Sendo um memorial da Criação, o Sábado celebra o ponto alto da obra das mãos de Deus: a criação dos seres humanos. Esta verdade reveste-se de grande importância à luz da epidémica baixa de dignidade pessoal que as famílias de hoje têm de enfrentar. Um sentimento de dignidade pessoal é fundamental para o bem-estar pessoal e para a capacidade de formar relações familiares cordiais. Um saudável conceito de auto-estima advém do conhecimento de que não somos produtos de um acaso da evolução, mas que fomos formados pelo Governador

do universo. A vida humana é preciosa desde a concepção até à morte. É pecaminosa, é certo, mas mesmo assim, de grande valor; não por causa de algum merecimento que haja em nós, mas pela virtude d'Aquele que é o nosso Criador. *Lembrar o Sábado*, significa, conseqüentemente, lembrar o nosso elevado valor, a nossa inexpugnável e elevada posição. E isso leva-nos a tratar os outros membros da família como pessoas especiais e valiosas que são.

O relato da Criação ajuda-nos também a compreender o plano de Deus para a nossa sexualidade. Traz à nossa lembrança a união de Adão e Eva, homem e mulher, cada um contribuindo para a completude da sua entidade — a «uma só carne» do casal. *Lembrar o Sábado* significa ser fiel.

A igualdade dos sexos, uma verdade vital para o casamento, é também afirmada na Criação e repetida por Ellen White em declarações tais como: «Deve ser muito terno e amável para com sua esposa, que é sua igual em todos os respeitos». — *O Lar Adventista*, p. 227. A designação do marido como cabeça do casal, uma função

integral no casamento cristão mas frequentemente pervertida através dos séculos, data do primeiro casamento. É uma liderança de serviço em amor e não de domínio e opressão.

O Sábado não é apenas um memorial da Criação. É também um sinal do concerto eterno de Deus (Ver Êxodo 31:12, 17). Este concerto, ou aliança, aplica-se a nós hoje e dele aprendemos enriquecedoras verdades para a família, como sejam amor e aceitação incondicionais, pois «Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo facto de ter morrido por nós, sendo nós ainda pecadores» (Rom. 5:8). E o apóstolo diz, em Efésios 1:6, que Deus nos recebeu e aceitou «Para louvor e glória da Sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si, no Amado.» Traduzidos em vivência familiar, estes textos evitam que tratemos o amor e a felicidade como recompensas dadas quando alguém corresponde a determinados padrões.

Abnegado perdão e amor encontram-se estabelecidos no concerto eterno e são essenciais para uma verdadeira intimidade e continuidade das relações familiares. Feridas, erros, injustiças — reais ou imaginárias — despertam muitas vezes o desejo de vingança. Perdão, aceitação voluntária do sacrifício imerecido, sofrer as conseqüências de erros alheios e deixar aquele que procedeu mal livre da nossa retaliação ou ressentimento faz com que o próprio Evangelho sustente a nossa vida familiar. Só somos capazes de perdoar quando experimentámos, de facto, a magnitude do perdão na nossa própria vida, perdão que nos foi concedido no Calvário. Compreendemos, então, que é obrigação dos que foram perdoados perdoarem.

A construção de uma relação baseada no amor, na compreensão, no perdão — tão importante para a família — pode ser soletrada em «tempo juntos». Aquele que guarda o Sábado, que observa devidamente o dia especial de Deus, tem, pelo menos algum

tempo por semana para construir as suas relações com os demais membros da família.

«Deus, no Seu próprio dia, preserva para a família oportunidade para comunhão com Ele, com a natureza e uns com os outros.» *Educação*, p. 251.

Implicações da mensagem da hora do juízo sobre o viver familiar. A fidelidade de uma pessoa aos seus compromissos será um dia levada a juízo. «De maneira que, cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus» (Rom. 14:12). O compromisso de lealdade é extremamente importante. Deus é fiel aos Seus compromissos em relação a nós, por isso nós devemos ser fiéis aos nossos compromissos com a família, com os nossos cônjuges e os nossos filhos. Promessas com qualidade durativa, tais como «casados até que a morte nos separe» dão estabilidade à família. No fim de contas, as nossas vidas mantêm-se juntas pelas promessas que fizemos um ao outro. Faltar à promessa do casamento, ou tratá-la levemente, é como remover a pedra angular de uma abóbada ou empurrar levemente o primeiro de uma longa fila de dominós. A confiança que gera níveis satisfatórios de intimidade na família cresce a partir de promessas cumpridas.

Da compreensão da verdade do juízo, em que acreditamos, emerge um desenvolvido sentido de mordomia e responsabilidade. Interpretados à luz do Evangelho, tais sentimentos são saudáveis, apropriados e necessários ao funcionamento harmonioso da família. Uma responsabilidade compreensiva permite o equilíbrio necessário para evitar que o amor incondicional se torne permissivo. Dá a necessária firmeza à bondade, tempera a misericórdia do sacrifício abnegado, de forma a não se perder o respeito próprio. Um domínio pessoal responsável, com respeito pelos seus companheiros e por aqueles que detêm a autoridade, é o objecto final do desenvolvimento da liberdade de escolha.

O fortalecimento da família nos últimos dias. À medida que Satanás dirige os seus ataques contra o casamento e a família, Deus propõe-se fazer-lhe um veemente chamado final para converter esta geração a Ele e os membros da família uns aos outros (ver Mal. 4:5, 6). A nossa confiança na profecia bíblica e o nosso anseio pela volta de Jesus Cristo levam-nos a apropriarmo-nos dos recursos que Deus graciosamente nos oferece.

O conhecimento aprofundado das verdades que o Senhor nos confiou e os recursos espirituais que Ele põe à nossa disposição dão-nos a possibilidade de ser «cabeça e não cauda» (Deut. 28:13). Temos uma vantagem sobre as

pessoas do mundo que, tendo, embora, a mesma experiência de tristezas e perturbações domésticas, os mesmos fracassos familiares, não são capazes de perceber como as coisas podem ser melhoradas. Todavia, não devemos tornar-nos orgulhosos devido aos nossos privilégios. Não desejamos a atitude dos leprosos de II Reis 7, que comeram e beberam e se alegraram nos despojos do acampamento abandonado pelos sírios, enquanto o povo de Samaria, ali perto, morria de fome. Finalmente, esses leprosos disseram: «Este dia é dia de boas-novas... pelo que, agora vamos e o anunciamos» (v. 9). A família adventista deve tornar-se um exemplo vivo de testemunho ao mundo.

O LAR

A. MAURÍCIO

O Lar é o lugar onde as coisas nunca serão perfeitas e onde os problemas nunca deixarão de existir. Mas no Lar Cristão há um Ajudador que sara as feridas, fortalece as fraquezas e dá esperança real aos desanimados.

O ideal de todo o ser humano, ao chegar à idade própria, é concretizar a formação de um lar onde possa viver feliz com a pessoa eleita pelo seu coração, durante a vida que o Senhor lhe concede.

Este é um ideal justo e cristão, e corresponde ao projecto

A. MAURÍCIO

Responsável pelo Serviço Lar e Família na União Portuguesa

que Deus fez para o homem, desde o princípio — «Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma adjutora» (Gén. 2:18).

Deus, ao fazer este plano, quis que o homem e a mulher fossem mais do que um simples par — Deus quer que sejam colaboradores um do outro. É aqui que reside o segredo do casamento feliz. A felicidade máxima encontra-se quando marido e mulher cooperam juntos no sentido de fazerem com que as suas diferenças mentais, emocionais, físicas e espirituais se fundam num relacionamento harmonioso.

«O vínculo da família é o mais íntimo, o mais terno e sagrado de todos na Terra. Foi designado para ser uma bênção à humanidade. E assim o é sempre que se entra para o pacto matrimonial inteligentemente, no temor de Deus, e tomando em devida consideração as suas responsabilidades». *A Ciência do Bom Viver*, p. 22.

Um casamento feliz é um desafio muito maior do que a simples descoberta do companheiro com quem se viverá o resto da vida. Um casamento feliz é um processo que dura a vida inteira; não é algo que se consiga através duma fórmula miraculosa, habilmente

O amor jamais acaba; mas havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão, havendo ciência, passará.

1 Cor. 13:8

engendrada, é, antes de mais, um processo que depende de muitas escolhas e adaptações, que tem de ser desenvolvido pelo casal que voluntariamente se submete ao mesmo jugo e sacrifica constantemente a sua liberdade pessoal e o seu interesse próprio para conseguir uma convivência mútua e concorde.

«Só em Cristo é que se pode com segurança entrar para a aliança matrimonial. O amor humano deve fazer derivar do amor divino os seus laços mais íntimos. Só onde Cristo reina é que pode haver afeição profunda, verdadeira e altruísta. É o amor um dom precioso que recebemos de Jesus. A afeição pura e santa não é sentimento, mas princípio. Os que são movidos pelo amor verdadeiro não são irrazoáveis nem cegos. Ensinados pelo Espírito Santo, amam a Deus supremamente e ao próximo como a si mesmos.» *A Ciência do Bom Viver*, p. 24.

Em virtude dos muitos problemas que temos de enfrentar diariamente, necessitamos dum lugar onde nos sintamos rodeados de paz e amor. O plano de Deus para o lar é que este seja um abrigo, onde marido, mulher e filhos convivam numa atmosfera de amor, segurança e aceitação mútuos.

Mas como é possível tal amor?

O apóstolo Paulo, autor do mais belo hino erigido ao amor, faz passá-lo através do magnífico prisma da sua inspirada inteligência e apresenta-o do outro lado, dividido em nove elementos que são:

- Paciência — o amor é paciente
- Benignidade — o amor é benigno

- Generosidade — o amor não arde em ciúmes

- Humildade — o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece

- Delicadeza — o amor não leva a condutas inconvenientes

- Altruismo — o amor não procura os seus próprios interesses

- Moderação — o amor não se irrita, não perde a calma

- Simplicidade — o amor não suspeita mal

- Sinceridade — o amor não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade

«A afeição poderá ser clara como cristal e formosa na sua pureza e, contudo, ser superficial, por não ter sido provada nem refi-

nada. Fazei de Cristo em tudo o primeiro, o último e o melhor. Contemplai-O constantemente, e, à medida que se for submetendo à prova, o vosso amor a Ele se tornará dia a dia mais profundo e mais forte. E ao crescer o vosso amor a Ele, também o vosso amor mútuo há-de crescer, aprofundar-se e fortalecer-se.» *Testemunhos Selectos*, vol. III p. 96.

Um lar verdadeiramente cristão torna-se um belo símbolo do perfeito triângulo de Deus.



Todos podem construir um lar, mas só Deus pode ensinar a construir um LAR CRISTÃO.

Controlo da Natalidade

Que posição assumem os adventistas sobre o actualíssimo problema do controlo da natalidade? É lícito o uso da pílula?

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não fez qualquer declaração oficial a respeito deste assunto. Considera-se o uso de anticoncepcionais como questão pessoal, que deve ser decidida individualmente pelo membro, com oração e pleno acordo da companheira.

É bom retermos o que diz o Espírito de Profecia: «Em vista da responsabilidade que impende sobre os pais, deve ser cuidadosamente considerado se é melhor trazer filhos à família (...). Há pais que, sem considerarem se podem ou não sustentar uma grande família, enchem a casa com esses pequenos seres desajudados, que dependem inteiramente dos pais para instrução e cuidado. (...) Isto é um grave erro, não apenas para com a mãe, mas também para com os filhos e a sociedade». (*O Lar Adventista*, pág. 162).

«Antes de aumentar a família, devem

pensar se Deus é glorificado ou desonrado com o trazerem filhos ao mundo. (...) Devem considerar com calma as providências a serem tomadas para com os filhos. Não têm direito de os porem no mundo para servirem de carga aos outros. Têm eles um meio de vida em que podem confiar quanto ao sustento da família, de maneira a não se tornarem pesados aos outros? Se o não têm, cometem um crime em trazerem filhos ao mundo para sofrerem por falta do necessário cuidado, alimento e vestuário». (*Mensagens aos Jovens*, pág. 462).

Poderíamos citar mais textos da pena inspirada. Naquele tempo não havia a chamada «explosão demográfica», e a Sra. White achava absurdo colocar filhos no mundo sem condição de alimentá-los. Hoje já estamos enfrentando escassez de alimentos e o aumento da população caminha velozmente em paralelo com a fome mundial. Seria aconselhável hoje encher o mundo de filhos para engrossar as multidões famintas? Isto constitui um sério problema.



«Não há lar sólido sem casamento sólido»

Construindo um lar sólido

Dr. SAMUEL RIBEIRO

Vivemos no mundo de hoje uma crise, nunca antes sentida, que é feita de muitas crises: — económica, política, dos costumes, da moralidade, até da própria conservação da natureza. Nenhuma será, no entanto, mais dramática do que a crise do lar que, em muitos casos «é apenas uma mera hospedaria em que as pessoas se encontram para mudar de roupa e, às vezes, para comer».

A causa principal da crise do lar é a perda dos vínculos do amor, do sacrifício de si mesmo e da fidelidade que deveriam unir os cônjuges. As consequências imediatas são dramáticas: — na sociedade ocidental, cerca de 1 em cada 3 casamentos terminam em separação ou divórcio. Re-

centemente, conversando sobre o assunto com minha mulher, com quem partilho, felizmente, a vida há quase três décadas, concluímos que metade dos nossos amigos de infância têm os seus lares comprometidos, apesar de terem tido, muitos deles, à partida, lares «cristãos». Quanto às consequências futuras da crise de cada lar, elas têm que ver, sobretudo, com os filhos. Os traços de um lar desfeito são certamente dolorosos para os cônjuges. Mas para os filhos nascidos desse lar são muito mais do que isso: são cicatrizes indeléveis que podem desfigurar por completo o seu carácter e a sua personalidade.

Não há lar sólido sem casamento sólido. Segundo as Sagradas Escrituras o casamento, o lar, é uma instituição de inspiração divina em que o homem e a mulher se unem para toda a vida,

prometem cuidar um do outro, proteger-se mutuamente, respeitar-se para sempre, e da qual nascem filhos que, no lar, se preparam para a vida e nela encontram carinho, calor humano, compreensão e apoio em todas as circunstâncias, mesmo depois de fundarem o seu próprio lar¹.

O lar, mais do que a própria igreja, é o elemento nuclear da vida do ser humano sobre a terra e onde este pode alcançar o maior quinhão de felicidade, verdadeiro antegozo da felicidade na vida por vir. Diz o Espírito de Profecia: «A restauração e elevação da humanidade começa no nosso lar. O bem-estar da sociedade, a prosperidade das nações dependem da influência do lar». Por antonímia, um lar mal estruturado ou desavindo é uma fonte de infelicidade e de tristeza. É sabido como o inimigo se utiliza dos maiores dons dados por Deus ao homem para os virar contra ele.

Poderíamos enumerar as principais causas da crise do lar de hoje:

a) *A emancipação da mulher.* Deus fez o homem e a mulher iguais em direitos mas não iguais em funções dentro do lar. As características muito próprias da mulher, a sua sensibilidade, a sua ternura e o dom da maternidade, deram-lhe o privilégio de ser a gerente do seu lar e a educadora por excelência dos seus filhos. Quando, sob a pressão dos desafios da vida moderna a mulher e mãe se afasta das suas funções no lar, dá-se uma rotura no equilíbrio familiar, com todas as suas consequências.

b) *A Generalização do uso dos anticoncepcionais,* que permitem à mulher actuar com a liberdade do homem no domínio das relações sexuais. Assistimos hoje, estupefactos, à preocupação de muitos pais, não em que as suas filhas se mantenham virgens até ao casamento, mas em que usem a «pílula»!

c) *Crítérios materialistas da vi-*

SAMUEL RIBEIRO

Médico Pediatra. 1.º ancião da Igreja Central de Lisboa

da. As exigências da chamada «sociedade de consumo» levam à ausência da mãe do lar durante muitas horas. Surgem, assim, os chamados «bebés operários» que cada dia saem e regressam ao lar, tantas vezes ainda de noite, passando quase toda a sua vida com estranhos e em ambiente estranho. Como será possível num lar assim a tão importante convivência e o diálogo entre os seus membros?

d) *Influência negativa dos modernos meios audiovisuais de difusão.* Sobretudo a televisão, a quem alguém chamou «a 5.^a coluna do inimigo dentro do lar». As mensagens que nos vêm através dela quase nunca são de inspiração superior. Antes veiculam ideias que consagram a imoralidade, o fraco conceito em que muitos têm a família, a infidelidade, os vícios físicos e morais, o primado do físico sobre o moral e o espiritual.

e) *Os defeitos pessoais.* Como o orgulho, a vaidade, o egoísmo, a negligência do dever e, também, a irritabilidade e a agressividade hoje muito agravada pela artificialidade da vida moderna, sobretudo nos grandes centros urbanos.

f) *A perda do vínculo religioso no lar.* Até nos lares cristãos de hoje a solidez da vida cristã em família está posta em causa. *Todo o lar em que não foi levantado o altar da família está em perigo.* O Espírito de Profecia diz que «se já houve tempo em que toda a casa deverá ser uma casa de oração agora é este tempo», e, ainda, «a religião no lar é a nossa grande esperança». Salomão, ao escrever o Salmo 127, estabelece o pilar mais sólido de um lar feliz: — a sua dimensão espiritual.

Não há lar sólido sem matrimónio sólido. Marido e mulher cristãos desajustados no casamento não seguem os passos de Jesus e dificilmente alcançarão a vida eterna. «O amor divino que emana de Cristo nunca destrói o amor humano, mas o inclui. Por

ele é o amor humano refinado e apurado, elevado e enobrecido. O amor humano jamais produz os seus preciosos frutos até que esteja unido com a natureza divina e treinado para crescer rumo ao céu. Jesus deseja ver casamentos felizes e lares felizes.»²

Cristo veio restaurar o casamento à sua santidade e elevação originais.

O casamento:

Não é um relação desnecessária e temporal;

Não é uma invenção de origem humana;

Não é um empecilho na carreira cristã.

O casamento é uma instituição divina, criada para a felicidade do homem e da mulher sobre a terra e como estímulo para a sua própria salvação eterna. É uma realidade que envolve *três aspectos fundamentais*:

1.º *Físico* — que se for só exclusivo se consumirá a curto prazo no apagar da paixão;

2.º *Intelectual e social* — que quando é o único elemento existente apenas conduz à afectação, à vaidade e ... à separação;

3.º e o *Espiritual* — que, sendo o mais nobre, se for, no entanto, o único, apenas conduzirá também, a curto prazo, à aridez e ao desinteresse. Só o casamento que equilibra os três aspectos pode ser sólido e feliz.

A solidez do lar, que assenta sobre a solidez do casamento, baseia-se em *princípios próprios*, sem os quais nunca existirá:

• 1) *Compatibilidade*

«Farei para o homem uma ajudadora idónea», disse o Senhor quando criou a mulher³. Gostar de viver juntos, possuir ideais comuns e alcançar um verdadeiro equilíbrio cultural, é muito mais importante do que qualquer beleza física ou riqueza.⁴

• 2) *Respeito mútuo*

«Tomou uma das suas costelas»⁵. No acto da criação da mulher, Deus estabeleceu as bases da

igualdade e do respeito mútuo entre os cônjuges. Desta forma o Senhor preveniu o erro do «machismo» ou a tentação do «feminismo». O homem e a mulher são iguais em direitos e em deveres no lar, embora distintos em funções e nos desafios do quotidiano.

• 3) *Amor*

É o único vínculo capaz de manter o casamento unido, sejam quais forem os problemas por que passe o casal. Amor expresso em todas as circunstâncias da vida, nomeadamente no relacionamento verbal e no plano dos sentimentos expressos em acções⁶.

• 4) *Mútua responsabilidade*

O matrimónio é uma instituição de participação: «mais bem-aventurada coisa é dar do que receber». Isto exclui todo o egoísmo. Leva à necessidade de pensar juntos, falar juntos, planear juntos, acariciar esperanças juntos, sofrer juntos, orar juntos por toda a vida! «Alcançar a devida compreensão da relação matrimonial é obra da vida inteira. Os que se casam ingressam numa escola onde nunca, nesta vida, se diplomarão».⁷

• 5) *Fidelidade*

«O verdadeiro amor conjugal exclui o pensamento de que possa ser partilhado com mais de um ser do sexo oposto». Isso envolve uma dupla responsabilidade. Da parte do homem implica solicitude, companheirismo e interesse pela esposa em todos os aspectos. Da parte da esposa, o desejo de agradar, a motivação para manter o seu lar em ordem e o cuidado com a sua própria pessoa. Da parte dos dois, confiança implícita e sem quebras. Disse Jesus: «Serão os dois numa só carne». A fidelidade cultiva-se. Sem ela não pode haver felicidade.

• 6) *Comunhão na educação dos filhos*⁸

A mais importante tarefa em comum dos pais deve ser exercida

de perfeito acordo. Para nenhuma outra coisa é mais necessária a inspiração e guia do céu. E «andarão dois juntos se não estiverem de acordo?» A solidez do lar mede-se pelos resultados desta obra. «A obra dos pais sábios jamais será apreciada pelo mundo, mas quando se instalar o juízo e se abrirem os livros, a sua obra aparecerá como Deus a vê e será recompensada diante dos homens e dos anjos»⁹.

• 7) *Deixar que Deus dirija*

«Fazei de Cristo, em tudo, o primeiro, o único e o melhor.... E ao crescer o vosso amor por Ele, também o vosso amor mútuo há-de crescer, aprofundar-se, fortalecer-se»¹⁰. Unidade de culto, unidade de devoção, unidade de sacrifício, farão mais do que qualquer outra coisa para manter um casal unido e feliz e um lar sólido.

Se desejamos que o nosso casamento perdure, devemos partilhar juntos a nossa experiência cristã. Orar juntos, ler juntos a Bíblia e o Espírito de Profecia, trabalhar juntos para o Senhor é o mais sólido pilar de um lar cristão.

Se, num mundo em desagregação e numa época em que até tantos lares, à partida, cristãos, se desmoronam, soubermos dizer como Josué¹¹, teremos encontrado as bases da nossa felicidade pessoal. Os nossos filhos serão educados como o Senhor ordena, o nosso lar será um antegozo do céu e a nossa preparação pessoal para a vida eterna chegará a bom termo.

Referências

1. Génesis 2:18, 21-24; Mateus 19:3-6
2. E. White, *O Lar Adventista*, p. 99
3. Génesis 2:18
4. Provérbios 19:14; 31:10-30
5. Génesis 2:21-23
6. Colossenses 3:19; Efésios 4:31; 5:33
7. E. White, *O Lar Adventista*, p. 105
8. Provérbios 22:6
9. E. White, *O Lar Adventista*, p. 536
10. Idem, 105
11. Josué 24:15

Que compete ao homem, ou à mulher, fazer?

D.W. and BETTY HOLBROOK

D. W. e Betty Holbrook dialogam sobre as funções e relações entre Marido e Mulher

DWH: «Os homens não choram». «As meninas são bem comportadas». «Isto é trabalho de homens». «Uma senhora não faz coisas destas». Tudo isto são frases que se ouvem muitas vezes e muitos as pronunciam convencidos da sua veracidade.

BH: Nós ressentimo-nos pelo facto de, automaticamente, nos serem atribuídos determinados papéis ou características apenas por causa do nosso sexo. Faz parte da liberdade ser o que somos, e os movimentos de libertação feminina proclamam esta liberdade, embora, por vezes, tenham incorrido em extremos. Mas nem tudo é mau. Deus criou-nos com diferenças individuais definidas e deveríamos de ser capazes de desenvolver os nossos talentos dados por Deus como características distintivas.

DWH: Mas as funções não são a mesma coisa que os talentos. As funções são como casacos que vestimos. São imitações que nos vêm de observar os nossos pais, ou como reacção *contra* a maneira como eles procediam. Vêm de pressões dos colegas, construídas durante anos, vêm dos nossos pequenos círculos, da nossa subcultura que não cessa de influenciarnos. Como pais, a nossa maneira de ser pai é igual à que usaram

connosco. Nascemos como imitadores peritos e imitamos porque essa é a maneira de fazer as coisas correctamente. Não é isto verdade?

BH: Sim «a maneira certa de fazer as coisas», a maneira correcta para homens e mulheres é, de facto, uma maneira de fazermos as pessoas saberem como relacionar-se umas com as outras — tornando a vida predizível, tornando as relações humanas menos aborrecidas. E isso também não é mau, de forma nenhuma. Torna-se mau quando nos limita arbitrariamente a um pequeno e estreito molde, que não se adapta a nós ou impede o nosso crescimento.

DWH: Um outro problema é que o que se espera de nós como homem ou mulher, rapaz ou menina, é completamente diferente em diferentes partes do mundo, e isso faz-nos confusão, especialmente quando há culturas sobrepostas. Um bom exemplo é o que acontece nas famílias hispânicas que foram recentemente para a América do Norte. Dentro da própria Igreja Adventista surgem dificuldades importantes quando estão em jogo funções que possam suscitar conflitos ou oposição.

Mas vejamos quais as consequências de dar demasiada importância às funções — aspectos transitórios — em vez de estudar de forma profunda o plano de Deus para nós.

BH: Tenho que confessar que sou tentada a oscilar entre um extremo e outro. Ou, como Karen Mains o descreveu: «É como estar entre dois paus de bandeiras. No cimo de um está a bandeira do Machismo, e no outro a da Igual-

D.W. HOLBROOK é presidente do Home Studies International.

BETTY HOLBROOK é directora do Serviço Lar e Família da Conferência Geral.



dade Total. As minhas mãos procuram alcançar os dois mastros; quero agarrar ambos, mas não consigo: os meus braços não são suficientemente grandes. Assim, ali estou eu, inclinando-me para um e outro lado, encostando-me primeiro a um, depois ao outro.»

Hoje, existem claramente dois extremos — ambos, creio, nascidos da dor. Há algum tempo escrevi um artigo para a *Adventist Review* acerca da submissão na relação marido-mulher. Recebi de uma leitora uma carta irada. Junto à carta vinha um feixe de recortes de jornais apresentando a desumanidade do homem em relação à mulher. «É a isto que quer que a gente se submeta?» perguntava a minha correspondente. Com o passar dos anos, cheguei à conclusão de que, por detrás do pedido, por vezes da amarga exigência de liberdade, pode existir intensa dor, um clamar contra abusos, maus tratos, iniquidades e injustiças.

O outro extremo pensa nos homens (numa tentativa de lisongear o ego masculino?) em termos de rapazes crescidos com egos massivos, e que a nossa missão, como mulheres, seria massajar esses egos para que eles se gloriem na sua masculinidade. É a filosofia de que uma leitora se faz eco, ao dizer: «Uma mulher sã deveria tentar compreender por ela própria a Bíblia. Deveria ir ter com um homem para a ajudar. Qualquer igreja que tem uma mulher como au-

toridade final sobre as Escrituras é suspeita.»

Creio que ambos os extremos se desviam do plano de Deus. Recusar aceitar a feminilidade, ser apenas uma pessoa (ter apenas pessoalidade) é, de algum modo, desumanizar-se. Exigir «independência total», e tudo o que isso implica, é isolar-se, perder algo do companheirismo que Deus deseja que tenhamos.

Mas se desejamos tornar-nos naquilo a que eu chamo a fascinante mulher subtotal, temos de parar com a manipulação e a lisonja — desonestas e aviltantes tanto para homens como para mulheres. Gostaria de acreditar que tanto os homens como as mulheres são pessoas maduras, não egomaníacos exagerados — que têm o desejo ardente normal que todo o ser humano tem, de ser necessário, de ser apreciado, encorajado e amado.

DWB: Os homens também estão passando por um período difícil nos dias de hoje, e não apenas em alguns países. Em toda a parte do mundo. Os pais costumavam ter domínio absoluto sobre as suas famílias. Hoje, são mais as vezes em que o Pai é uma figura apagada, uma sombra nas vidas dos filhos. Ele é uma pessoa importante que sai de casa, de manhã cedo e volta a casa já de noite. É raro encontrar um homem, com filhos crescidos, que não admita com certa tristeza: «Quem me dera ter

passado mais tempo com os meus filhos!»

Ellen White define claramente esta situação; «É indigno do nome de pai aquele que não for para os seus filhos um professor, um orientador cristão e um amigo, unindo-os ao seu coração com fortes laços de santificado amor — um amor que tem o seu fundamento no dever fielmente cumprido.»

Há necessidade de um forte apelo aos pais para que voltem a ter uma função central nas famílias. «O mundo não precisa tanto de grandes inteligências como de homens bons que sejam uma bênção nos seus lares.»

Os problemas de hoje têm diversas causas: demasiado movimento, por exemplo. O pai já não trabalha onde os filhos possam vê-lo e aprender. As escolas tomaram muitas das responsabilidades que dantes competiam ao pai. É uma situação estranha. As escolas tomaram conta da educação vocacional e da educação sexual — duas boas incumbências do pai — porque os pais não estavam desempenhando essas funções. Agora os pais já não sentem essa responsabilidade, porque é às escolas que ela compete. Ser pai, ser simplesmente pai, não é para grande número de homens tão importante como os seus empregos e as suas carreiras profissionais.

Muitos pais estão sob pressão por parte dos seus amigos e associados para passarem fora da família os seus tempos de lazer. Gosto deste comentário de Ellen White: «Que o pai procure aliviar a tarefa da mãe. No tempo que ele haveria de dedicar a passatempos e lazeres egoístas, procure ele conhecer os seus filhos, associar-se com eles nos seus desportos e no seu trabalho.»³

BH: Enquanto muitos de nós, provavelmente, não gostaríamos de voltar a ter o papel severo e claramente rígido e compulsivo das gerações passadas, a incerteza de hoje entre homens e mulheres é desestabilizante. Há uma ambiguidade e um desassossego entre nós, mulheres, um questionamen-

to sincero sobre se de facto estamos qualificadas para viver no mundo de hoje. E algumas vezes perguntamos: O que é ser mulher?»

Alguns, claro está, imaginam a mulher como um «segundo pensamento» — um anticlímax. Quase como se após Deus e Adão terem visto todos os animais, Deus dissesse de repente: «Oh, não! Cometi um erro? Vejamos, talvez que eu pudesse criar alguém para Adão, alguém que corresse atrás dele para apanhar as suas peúgas sujas, preparar as suas refeições e impedi-lo de se sentir demasiado aborrecido.»

Outros dizem que a mulher é a coroa da criação. Cada dia da criação ia sendo mais maravilhoso, mais extraordinário, até que por último Deus criou a mulher — a perfeição final. Que pensamento lisongeiro! Mas eu creio que o plano de Deus não foi nenhum dos dois. Foi de longe mais belo e mais significativa.

O homem, macho e fêmea, é a coroa da criação. Ambos foram criados à imagem de Deus, a ambos foi dada a missão de dominar sobre a terra e sobre o reino animal, a ambos foi dada a bênção divina de transmitir a vida e perpetuar a raça humana, ambos eram responsáveis perante Deus, e quando o pecado fez a sua aparição, ambos foram culpados e ambos se tornaram iguais objectos da graça de Deus.⁴

Mas após a narrativa da criação, há ainda Paulo que diz: «Mulheres sede sujeitas aos vossos maridos». Fora do contexto e jogadas como dardos de arremesso, estas palavras ferem, especialmente se se trata de uma mulher que se tem submetido ao ponto de ser destruída, tanto física como espiritualmente.

DWH: Contudo, quando as palavras de Paulo são tomadas como um todo, toda a dureza desaparece, porque também é dito: «Maridos, amai as vossas esposas como também Cristo amou a igreja.» E eu perguntaria: Como mostrou Cristo o Seu amor pela igreja? Lavando os pés aos discípulos, pas-

sando noites inteiras em oração por eles, morrendo.

«Nem o marido nem a mulher deve buscar dominar», diz Ellen White. «O Senhor exarou o princípio que guiará este assunto. O marido deve amar a mulher como Cristo à igreja. A mulher deve respeitar e amar o marido. Ambos devem cultivar espírito de bondade, resolvidos a nunca ofender ou prejudicar o outro.»⁵

BH: O problema hoje é que as funções tradicionais das mulheres foram desvalorizadas tanto por homens como por mulheres. Pensa-se em Janete, uma jovem mãe, a quem é dito que está desperdiçando a sua educação universitária se ficar em casa a cuidar da família. O que ela tinha de fazer era estar lá fora fazendo uso da sua profissão como decoradora de interiores, decorando as casas dos outros. Que espécie de valores nos dizem que uma sala belamente decorada é mais importante do que uma criança bem educada?

O meu verdadeiro desejo é que as mulheres sejam livres para serem mães. Que reconheçamos que «depois de Deus, o poder da mãe para o bem é a maior força conhecida na Terra». ⁶ Que «o rei em seu trono não tem função mais elevada que a mãe... Um anjo não desejaria missão mais elevada.»⁷

É tempo de os pais voltarem a desempenhar uma função central nas suas famílias.

E todavia há uma função complementar que as mulheres podem desempenhar em todos os aspectos da vida, incluindo a igreja: «Quando se tem a fazer uma grande e decisiva obra, Deus escolhe homens e mulheres para realizá-la, e ela sofrerá o dano caso os talentos de ambas as partes não se aliarem.»⁸ Não se trata de funções rivais aqui, de qualquer atitude competitiva, tão destrutiva para os dois.

Mas o meu pensamento favorito sobre funções complementares é este: «A mulher, caso aproveite sabiamente o tempo e as suas faculdades, descansando em Deus quanto à sabedoria e à força, pode ombrear com o marido como conselheira, companheira e coobreira, sem todavia nada perder da sua graça feminina e modéstia.»⁹

Gosto desta declaração por duas razões: Primeiro, porque eu nunca teria ousado dizer uma coisa destas! E, em segundo lugar, porque nos lembra a nossa feminilidade — o privilégio de ser mulher.

Elisabeth Elliot faz uma pergunta que todos temos, cedo ou tarde, de enfrentar: «Terá a sexualidade qualquer significado teológico? Se sim, o que significa? Terá realmente qualquer significado o facto de se ser homem ou mulher, ou será um acaso, uma trivialidade, algo que devamos ignorar, suprimir ou, em última análise, se nos tornarmos profundamente espirituais, transcender?»

DWH: Abraão é um bom exemplo para os pais e maridos. Ele aparece como fiel entre os fiéis, paciente mas forte, habilidoso e inteligente. Há humildade na grandeza de Abraão. Ele era um modelo para a sua família, para a comunidade em que vivia, para a sua nação e tem-no sido através da história.

Mas também a ele lhe aconteceu ter ficado por vezes desapontado e com medo. Esse medo foi, aliás, causa de alguns sérios erros. Todavia, tanto os pontos fortes de Abraão, ou a maneira como ele lidou com as suas fraquezas, podem ser-nos úteis como pais e maridos.

Qual é hoje a função de um pai/marido? Basicamente é a mesma de sempre. O termo «cabeça» parece assentar-lhe bem, mas precisa de clarificação: «O pai deve estar à testa da família, não como um rapazote, um garoto indisciplinado, mas como um homem de carácter varonil, de paixões controladas.»¹⁰ Estar à testa, ser cabeça, não está de forma alguma conotado com domínio. Ou, como

diz Karl Barth: «Não se trata de *dominium* mas de *ministerium*.»

Ser a cabeça é, por conseguinte, uma função, não um direito inerente. Ser a cabeça é uma função apropriada para aquele homem que reconhece a igualdade fundamental do homem e da mulher diante de Deus. O homem que conseguiu chegar a um acordo consigo mesmo e com o seu Deus, que tem um saudável sentimento de dignidade pessoal, pode funcionar melhor como cabeça da sua família. Tal homem colocará as suas relações pessoais com Deus em primeiro lugar, a sua mulher a seguir e depois os seus filhos. Nada dará mais segurança a um filho do que essa espécie de prioridades. Muitos de nós permitimos que a dedicação ao trabalho interferisse e tomasse o primeiro lugar.

As tarefas mais importantes para um pai e um marido parecem-me ser:

1. Ensinar os seus filhos a serem responsáveis e competentes.
2. Demonstrar, através da sua atitude, quais as funções saudáveis e sensíveis, que competem aos homens e mulheres, esposos e pais.
3. Desempenhar funções activas como sacerdote do lar, ser o que intercede, o que aproxima de Deus.
4. Criar e desenvolver uma dignidade pessoal nos membros da família.

5. Ordenar o seu lar de maneira a que nele se sinta a presença de alguém que governa.

Nos lares mais saudáveis, o pai é o chefe; o pai e a mãe compreendem as fortalezas e as fraquezas mútuas e têm uma compreensão realista das suas responsabilidades individuais; o pai não condescende, não é caprichoso, é um bom exemplo.

BH: Nos lares mais saudáveis há companheirismo — trabalhar juntos não significa um rígido estabelecer de que a-mãe-lava-a-louça e cortar-a-relva-pertence-ao-pai. Há interesses partilhados que nos incitam a trabalhar juntos, a brincar juntos, a orar juntos.

Quando eu penso nas tarefas de uma esposa e mãe, sou tentada a começar por enumerar as centenas de trabalhos que ela realiza em casa, mas finalmente opto apenas por uma lista das responsabilidades que considero básicas, a partir das quais advêm muitos dos outros trabalhos específicos. Penso numa esposa e mãe como alguém que:

1. Cria a atmosfera do lar, tanto os seus aspectos físicos como emocionais.
2. Mantém abertas as linhas de comunicação devido ao facto de que a sua sensibilidade lhe diz que os membros da família não necessitam apenas de falar, mas também de ser ouvidos.
3. Compreende a sagrada abor-

dagem da saúde, a qual abrange todos os elementos de um viver saudável, incluindo uma boa nutrição.

4. Sabe como motivar a família. Ela é alguém que anima, que encoraja.

5. Exemplifica o que a mulher cristã pode ser: fisicamente, emocionalmente, intelectualmente e espiritualmente.

6. Tem a arte de criar «rituais», tradições familiares, os quais dão um sentimento de unidade e de unicidade.

DWH: Como podemos tornar-nos os pais, os esposos, e os adultos maduros que Deus, obviamente, deseja que sejamos? É o trabalho de uma vida inteira — de lutas, de erros e avanços, de cair e levantar-se, até que de todo o coração aceitemos o facto de que somente dependendo completamente de Deus, confiando perfeitamente um no outro e aceitando juntos alegrias e tristezas — somente então poderemos conhecer o desígnio de Deus para nós e quais são as nossas funções, os nossos «papéis». É recordando que através destes «mais profundos e ternos laços terrenos é que os corações humanos podem saber» que Deus está procurando revelar-Se a nós.¹¹

BH: Estes laços terrenos são imperfeitos porque «tal como qualquer outra das boas dádivas que Deus nos confiou para a preservação da humanidade, o casamento tem sido pervertido pelo pecado; mas é propósito do Evangelho restaurar a sua pureza e beleza.»¹²

Referências:

1. *Testimonies*, vol. 5, p. 322.
2. *Ibid.*, vol. 4, p. 522.
3. *Fundamentos de Educação Cristã*, p. 159.
4. Elisabeth Elliot — entrevista.
5. *Testimonies*, vol. 7, p. 47.
6. *O Lar Adventista*, p. 240.
7. *Ibid.*, p. 231.
8. *Evangelismo*, p. 240.
9. *Ibid.*, p. 469.
10. *O Lar Adventista*, p. 213.
11. *Aos Pés de Cristo*, p. 10.
12. *Pensamentos sobre o Sermão da Montanha*, p. 64.

Curso de Doutrina em Oliveira do Douro

de 4 a 20 de Agosto de 1986
Colégio Adventista

1.º Ano

- I. Introdução ao Estudo da Bíblia
- II. O Espírito de Profecia na Igreja Remanescente
- III. A Psicologia aplicada à Vida da Igreja
- IV. Estudos sobre o Livro de Daniel

Direcção: *Pastor E. Ferreira*

Colaboração: *Dr. R. Posse e P. M. Cordeiro*

Inscrição: 1.000\$00 Alimentação e Alojamento: 8.000\$00

Os Dez Mandamentos dos pais

KAY KUZMA

Em cada mandamento há princípios que os pais podem aplicar na educação dos seus filhos

Aquilo de que os pais mais necessitam hoje para educarem os seus filhos são normas em que possam confiar realmente, visto que o mundo se encontra em constante e errante mudança. Mas, onde encontrar essas normas? Porque não nos Dez Mandamentos? Eles constituem um código completo, aplicável a todos os aspectos da vida humana.

Sim, se procurarmos bem, descobriremos nos Dez Mandamentos princípios que podemos aplicar na educação dos nossos filhos. Eis os «mandamentos» que eu e meu marido encontramos na Lei de Deus:

Primeiro Mandamento: Criar os vossos filhos para Deus deve ser a vossa primeira prioridade.

Efectivamente, os filhos pertencem a Deus. São-nos confiados para que os criemos e eduquemos para Deus, a fim de que amem e honrem a seu Pai Celestial e um dia se sintam bem no Seu Reino. Vezes sem conta ensinamos os nossos filhos a serem asseados, delicados e obedientes. E isso não é errado. Temos de o fazer. Mas ensinar-lhes a conhecer a Deus deveria ser a nossa primeira preocupação.

Pensemos nisso. Que lugar ocupa Deus na educação dos nossos

filhos. Será que O relegamos para uma oração de 15 segundos antes das refeições, um culto familiar de 15 minutos e algumas horas por semana na igreja, e que os desafios de futebol, a política, e assuntos semelhantes constituem o resto das nossas conversas? Ou fazemos de Deus o tema central do dia?

Se Deus nos falasse pessoalmente e dissesse: «Dou-te este Meu filho até aos 18 anos. A única coisa que te peço é que lhe ensines a amar-Me», que faríamos para nos desincumbir dessa missão? Por outras palavras: Como podemos nós fazer com que os nossos filhos aprendam a amar a Jesus?

Sugeriria o conselho dado em Deuterónimo 6:4-9 e que falemos de Deus onde quer que nos encontremos. Se tivermos dificuldade em nos lembrar disso, talvez dê resultado um pequeno fio atado ao dedo, um lembrete nas paredes e portas da nossa casa. O importante é apresentar Deus aos nossos filhos, porque conhecê-lo é amá-lo.

Segundo Mandamento: Não estarás tão ocupado que os teus filhos tenham de ser educados por amas, empregadas domésticas, amigos ou pela TV.

Devido às estruturas da vida moderna, sobretudo pressões de ordem económica e temporal, muitas crianças são deixadas sozinhas ou confiadas a outros para serem educadas. Isto constitui um importante factor de enfraquecimento da comunicação familiar. Muitos destes pais e mães são o único suporte financeiro da família e são obrigados a sair para os seus empregos e passar fora grande parte

do seu tempo. Às vezes, têm ainda responsabilidades na igreja ou na comunidade. O resultado é, quase sempre, pais super-ocupados. E os filhos perdem-se no meio de toda essa confusão e falta de tempo. Mas não param de crescer. Não param a sua educação. Tendem a tornar-se semelhantes àquilo que contemplam. Quando os pais não se encontram por perto, acontece muitas vezes que os seus rebentos estão sendo «educados» pela TV, pelos seus colegas, ou pelas suas amas e empregadas domésticas.

É preciso tempo para criar os nossos filhos. A uma mãe que teve 11 filhos, perguntaram-lhe como é que arranjou tempo para criar tantos filhos. «Bom, disse ela, quando vi que o meu primeiro filho me tomava o tempo *todo*, pensei: Porque não ter mais alguns? Eles não poderiam tomar mais tempo nenhum!» É verdade, um filho pode ser um «emprego» a tempo inteiro!

Os futuros pais não compreendem muitas vezes que a vinda dos filhos opera uma mudança radical na sua maneira de viver, caso desejem dedicar-lhes o tempo de que precisam. Um casal prometeu solenemente que os seus filhos não haveriam de interferir no seu estilo de vida. E não interferiram. Deixavam-nos sempre com os empregados e muitas vezes eram estes que comunicavam aos filhos que os pais tinham ido de avião para o Havaí e iam estar ausentes durante duas semanas. Não é preciso dizer que um sentimento de insegurança e rejeição acompanhou aquelas crianças durante muitos anos!

Qual a resposta? Controlemos o nosso tempo, ou será ele que nos controlará a nós. Certifiquemo-

KAY KUZMA

Professora-adjunta da Escola de Saúde da Universidade de Loma Linda. Autora de vários livros sobre orientação dos filhos.

-nos de que passamos com a nossa família o tempo e a qualidade de tempo necessários para lhes provarmos, sem sombra de dúvida, que eles são a primeira prioridade na nossa vida.

Terceiro Mandamento: Viveis uma vida que mereça o respeito dos vossos filhos.

Já aconteceu que os vossos filhos vos apanhassem a comer um belo sorvete a meio da tarde, quando a regra em casa era «não comer entre as refeições»? Ou já eles nos apanharam dizendo uma «mentira branca» depois de os termos castigado por desonestidade? A hipocrisia raramente permanece em segredo durante muito tempo.

A família Traves tornou-se viciada em televisão. Para quebrar esse hábito, a família votou, por insistência do pai, que se guardasse a TV na garagem durante um par de meses.

Tudo correu bem até ao domingo da Super-Taça. Os filhos saíram e o pai pensou em como seria agradável ver o jogo na televisão. Ninguém saberia. Assim, foi buscar o aparelho, ligou-o e instalou-se para uma bela tarde de futebol. Mas pouco depois, ao ouvir os filhos que regressavam mais cedo, teve um choque. Desligou rapidamente o aparelho e saiu à pressa para fora de casa, a fim de evitar que eles descobrissem a sua duplicidade. Enviou-os então a um recado inventado e foi esconder o televisor. Mas a sua consciência começou a doer. Como poderiam os filhos respeitá-lo se ele dizia uma coisa e fazia outra?

Resposta: Não podiam. Ele foi falar com os filhos e pediu-lhes perdão, prometendo que nunca mais viveria segundo um padrão duplo. Foi preciso coragem, mas ele ganhou o respeito dos filhos.

Quarto Mandamento: Lembrai-vos dos aniversários dos vossos filhos e dos aniversários da vossa família para que os vossos filhos possam conhecer a sua identidade.

Assim como a celebração do Sábado nos recorda a nossa identidade — que Deus nos criou à Sua imagem — também a celebração de aniversários e comemorações deveria lembrar aos nossos filhos a identidade da família.

Devemos fazer de cada dia de anos um dia especial. Podemos, por exemplo, começar por contar à criança a história do seu nascimento e da sua dedicação a Deus. Podemos apresentar-lhe o seu pequeno almoço favorito e tratá-la como rei ou rainha do dia — nada de trabalhos domésticos, por exemplo! Um belo presente é óptimo, mas deveríamos ter em mente honrar esse filho de Deus de modo a dar-lhe o sentimento de que pertence a Deus, é Seu filho, e não nos limitarmos a fazer desse dia apenas um dia em que se enche a caixa dos brinquedos. Se o centro forem os presentes, a criança poderá, eventualmente, desenvolver sentimentos de egoísmo e insatisfação caso não obtenha aquilo que deseja ou espera.



Cada aniversário de casamento é uma lembrança da origem da família. Devemos incluir os filhos nessa celebração, porque o casamento foi também o começo deles.

Quinto Mandamento: Ensinai os vossos filhos a respeitarem a autoridade.

Aprender a apreciar e a respeitar a autoridade é algo de básico para o desenvolvimento espiritual. Deus é o nosso Pai Celestial e a nossa autoridade suprema. A maneira como a criança vê a autoridade de Deus tem uma relação íntima com a sua atitude em relação aos pais.

Podemos ensinar os nossos filhos a respeitarem a nossa autoridade estabelecendo princípios básicos que orientem a nossa conduta. Eis algumas regras que me parecem muito importantes. Em primeiro lugar, saibamos que podemos agir sem nos magoar ou magoar os outros. Em segundo lugar, façamos o possível por tornar claros os nossos pedidos e limitações. Por exemplo, em vez de dizer a uma criança: «Vai arrumar o teu quarto», digamos: «Dentro de um quarto de hora quero ver a tua cama feita e as tuas roupas arrumadas». Um pedido destes é suficientemente específico para a criança saber exactamente o que tem a fazer, como fazer e quando fazer.

Em terceiro lugar, os filhos devem aprender que nós queremos dizer o que realmente dizemos, isto é, que as nossas palavras têm o sentido exacto dessas palavras. Quando fazemos um pedido uma vez, se ele não for atendido, devemos reforçá-lo ou deixar que a criança veja os resultados do não cumprimento desse pedido, sendo, eventualmente, castigada.

Em quarto lugar, deixemos que as crianças nos vejam respeitar a autoridade. O poder do exemplo é bastante grande. Vendo-nos obedecer, por exemplo, às regras de trânsito, falar respeitosamente acerca dos oficiais do governo e de outras pessoas em posição de liderança, isso não deixará de ter um efeito positivo nos nossos filhos.

Sexto Mandamento: Não ralheis demasiado com os vossos filhos, a fim de que não desanimem e não desistam de tentar.

A crítica, a troça, as ameaças, os ralhos tendem a destruir o sentimento de auto-respeito que todo o ser humano possui. A isto chama-se assassinio psicológico. Em vez de salientar a parte negativa, devemos realçar a parte positiva, encorajando, encorajando, encorajando.

O pai e a mãe de Tiago, um

miúdo de 4 anos, repararam que havia semanas que o comportamento dele se agravava. Tinham sempre que estar a dizer-lhe: «Não faças isso, Tiago. Já te dissemos para não fazeres isso. Porque não te lembras do que te dizem?» E assim por diante.

Mas parecia que nada dava resultado. Experimentaram então um outro plano: passaram a recompensá-lo todas as vezes que ele se comportava bem, animando-o em pontos decisivos. Em vez de lhe dizerem: «Não faças isso», diziam-lhe: «Davas uma grande alegria ao papá e à mamã se fizesses isto assim, assim». Com esse tratamento, o Tiago desabrochou e fez os maiores progressos.

É que uma criança desanimada é, muitas vezes, uma criança mal comportada. Porque não procurar dar aos nossos filhos, diariamente, uma dose de encorajamento?

Sétimo Mandamento: Sede leais à vossa família e ensinai o mesmo aos vossos filhos.

Não sei se já ouviram uma criança dizer: «Detesto o meu irmão. Quem me dera que ele morra!» Ou: «Devias de ter uma irmã mandona como a minha! Encosta-me à parede a obrigar-me a fazer a vontade dela!» Claro que todos sabemos que isso não passa de palavras, mas tais palavras deveriam ser evitadas, porque são duras, porque ferem, causam separação, gelo, rivalidade entre as famílias.

«A crítica, a troça, as ameaças, os ralhos tendem a destruir o sentimento de auto-respeito.

Temos de nos esforçar por criar um conceito e um sentimento de equipa na nossa família, nos quais a lealdade à família venha em primeiro lugar. Temos de acabar com as conversas sem sentido. Temos

de fazer coisas juntos. Temos de falar em defesa uns dos outros. Embora, em família, possamos ter algumas discussões mais acaloradas, devemos comportar-nos em público como uma frente unida. Esta espécie de lealdade gera segurança e confiança e isso constitui importante factor na formação de filhos felizes.

Oitavo Mandamento: Não roubeis o potencial de qualquer membro da vossa família, antes mantende elevadas expectativas acerca do que cada um pode realizar com a ajuda de Deus.

Os filhos têm a tendência de tornar-se aquilo que esperamos que eles se tornem. Se virmos apenas a parte negativa e esperarmos que nos desobedeçam, as probabilidades são de que isso aconteça. Porém, escondido no íntimo de cada criança, existe um potencial dado por Deus. Se esperarmos realizações mediocres e má conduta, estaremos roubando a um filho aquilo em que ele poderia tornar-se.

A nossa missão deve antes ser de animarmos os nossos filhos a fixarem-se ideais elevados e a lutarem pela excelência, mesmo em face de dificuldades. Se Sir Edmund Hillary, na expedição ao Monte Everest, tivesse dito: «Dúvido que consigamos chegar ao cume. Nunca ninguém lá chegou», era quase certo que outro nome figuraria hoje no *Guinness Book of World Records*. Se Bethoven tivesse dito: «Quem irá ouvir um compositor surdo? o melhor é desistir!», teria sido negado a milhões ouvirem os grandiosos acordes da Nona Sinfonia. Se o apóstolo Paulo tivesse dito: «Agora que estou na prisão, com este frio, tenho as mãos geladas e não posso escrever mais cartas», vários livros do Novo Testamento nunca teriam sido escritos.

Fixemos objectivos, esperemos o melhor e procuremos tirar o máximo partido do potencial e das capacidades dos nossos filhos.

Nono Mandamento: Louvai a Deus e ensinai aos vossos filhos que todo o bem vem d'Ele.

Se alguém desejar sentir-se cansado e sem forças no fim do dia, passe o seu tempo com uma pessoa que se está sempre a queixar e a lamentar, a criticar e a dizer mal, a ver só o lado negativo de tudo e todos. Deus não é o autor de um tal comportamento, porque as emoções negativas destroem a felicidade e a saúde. Em vez disso, devemos demorar-nos nas coisas positivas, pois isso criará em nós uma energia inesgotável!

Fixemos objectivos, esperemos o melhor e procuremos tirar o máximo partido do potencial dos nossos filhos.

Todas as manhãs, a mãe de Jaime dizia-lhe: «Acorda, Jaime, hoje vai estar um dia magnífico!» Mas, num dia frio e tempestuoso, Jaime revoltou-se e disse: «Não, não vai ser um dia magnífico. Vai ser terrível!»

«Bem, disse a mãe, então o melhor é não te levatares e ficares na cama.» E ela ali o manteve durante todo o dia, não lhe dando nem o pequeno almoço, nem o almoço. Por volta do jantar, Jaime confessou que fora o pior dia da sua vida. A isso, a mãe replicou: «Nunca te esqueças, Jaime, que és tu quem tem de fazer de um dia, um dia magnífico.»

Uma das melhores maneiras de transformar dias terríveis em dias magníficos é louvar a Deus. Se mantivermos o Salmo 100 nos lábios e no coração, não haverá dias terríveis. E é bom não ter qualquer responsabilide em partilhar coisas negativas.

Décimo Mandamento: Não cobiceis o estilo de vida dos outros. Sede felizes e contentes e procurai que o vosso lar seja um cantinho do céu, a fim de

que a vossa família se possa preparar para o Reino de Deus.

Há tantos pais com uma noção errada de que o «céu na terra» depende das coisas. «Se cada filho tivesse o seu próprio quarto, eles não discutiríamos! Se tivéssemos um carro, ou um barco, ou uma roulotte poderíamos divertir-nos mais em família! Se tivéssemos bastante dinheiro, não precisaríamos de trabalhar!» Mas coisas não fazem uma família feliz. Só relações amigáveis, de mútuo interesse e compreensão, o podem fazer.

Não devemos comparar as pos-

ses da nossa família com as de outras famílias. Vamos antes louvar a Deus pelo nosso mais precioso tesouro: os filhos de Deus, que Ele nos empresta durante alguns breves anos, para que os amemos, que os criemos e orientemos tendo em vista uma relação de amor com o seu Pai Celestial.

Estes Dez Mandamentos da Paternidade podem guiar-nos e ajudar-nos a criar um cantinho do Céu na Terra para os filhos que o Senhor nos confiar. Porque «os filhos são herança do Senhor» (Salmo 127:3).

ENVELHECER um castigo ou um privilégio?

DANIEL G. ESTEVES

Certo dia, em viagem, fomos despertados pela beleza do ocaso do sol. Rapidamente, procurámos atingir um local onde se pudesse desfrutar desse espectáculo privilegiado. O sol, na sua trajectória, assumia tonalidades cheias de beleza, impossíveis de reproduzir pelo homem. Nem as películas fotográficas, que então foram usadas, poderão reproduzir fielmente toda a cor e majestade daquela hora.

Ficámos um momento em meditação, profundamente tocados pela riqueza do que tínhamos presenciado. Na altura, não deixámos de expressar gratidão a Deus, que nos havia permitido tal visão. Hoje, tantos anos já passados, continuamos a recordar com satisfação o que foi esse momento. Perderam-se pelo esquecimento os pormenores, mas permanece a essência, o fundamental, e isso passou a constituir um capital que nos

acompanha, pois não pode ser roubado, ou impedido de continuar na nossa memória.

Ao pensar na vida do homem, encontro muitos aspectos paralelos com o que fica dito. Toda a trajectória que seguimos ao longo da nossa existência aproxima-nos do ocaso da vida. Desde o Éden que estamos sujeitos ao processo natural — ainda que nalguns casos incómodo por não ser aceite pacificamente — do envelhecimento do nosso ser. São várias as vertentes que estão comprometidas neste processo.

Em termos biológicos, todos temos uma noção, ainda que vaga, do que acontece com o passar dos anos. O aparecimento dos cabelos brancos, as rugas que vão sulcando o rosto, a pele que perde elasticidade, as mãos que ficam mais trémulas, a incapacidade de continuar a realizar as mesmas tarefas, o mesmo dispêndio de energia, o esqueleto que se torna mais frágil, as perturbações físicas que se vão

acentuando precisam de ser entendidas e aceites para que não sejam causa de graves problemas emocionais. O nosso corpo está em constante mutação e não entender este facto é não aceitar uma realidade que testemunhamos a cada passo.

Mas além do problema biológico puro, e ainda que não desligado dele, há, também uma componente mental. O comportamento altera-se com o tempo, diminui a capacidade de adaptação, há uma diminuição da paciência, um agravar dos desencantos, um risco acrescido de depressões, o aumento de um espírito queixoso, uma diminuição do sentido de humor. Poderíamos afirmar que ao longo da vida se alteram aspectos fundamentais da personalidade do indivíduo, esbatendo-se alguns traços para que outros se vinquem numa forma acentuada. A transformação é de tal forma sensível que pode ocultar o que seria a personalidade prévia e fazer surgir uma nova mentalidade até aí desconhecida.

Como consequência directa dos dois aspectos, citados anteriormente, temos uma componente social que é, também, modificada. Agrava-se o isolamento do indivíduo, com uma dificuldade crescente para a comunicação e o diálogo. Um conceito crítico em relação às camadas etárias mais jovens vai-se tornando mais forte, fazendo surgir uma frustração enorme e inultrapassável, o sentimento da ausência de objectivos na vida, até que apenas se aguarda, de uma forma passiva e com uma resignação amarga, o que seria o fim da nossa existência.

A componente familiar sofre modificações, muitas delas dolorosas. Caminha-se para uma situação em que se deixa de ter a nossa própria família, na qual se ocupava uma posição central e influente, para se ser transformado em peças que cada vez mais vão gravitando à volta de outros centros, afastando-se mais e mais deles. Passa-se a ser uma peça acessória, quantas vezes mal suportada,

DANIEL G. ESTEVES

Médico, director do Departamento de Saúde e Temperança da União Portuguesa.

de uma família, que não sendo totalmente estranha, não é a nossa.

Por tudo quanto já foi aflorado, não se pode deixar de considerar como fundamental que cada um se vá preparando para essa fase terminal da sua existência, que não deve ser menos encantadora ou menos fértil em motivos de interesse. Não se deve agir como a avestruz ao enterrar a cabeça na areia para não ver o perigo. É enquanto se está na primeira fase da vida que se deve consciente e responsabilmente preparar a «reforma». Se há arranjos materiais a fazer, para compensar as carências que ficam a descoberto pelos organismos de segurança social, há, fundamentalmente que planear o que irão ser as ocupações, quer de tempo, quer mentais. Só assim é possível evitar cair no vazio. Criar e desenvolver alternativas, passatempos, que mantenham viva a chama da criatividade, são necessidades tão vitais como cuidar da saúde do corpo ou do equilíbrio material. Nunca a inactividade pode ser considerada como proveitosa, e muito menos a falta de objectivos a atingir. Não cuidar destes aspectos é propiciar a morte em vida, é sobrecarregar uma cruz que cada um terá de carregar.

Ao traçarmos a caricatura de algumas componentes da existência humana, poderá parecer que há uma perspectiva de desencanto e pouco optimista em relação à fase terminal da vida. Não é propriamente essa a nossa ideia, e muito menos se considerarmos uma outra componente que é de capital importância — a espiritualidade. É certamente esta a que se torna mais rica e fecunda com o passar dos anos. As «lições da vida» vão ensinando aspectos que teríamos recusado aprender de outra forma, o que permite que haja uma aproximação mais vincada aos ideais, porque se vive como cristãos. É a altura em que se deve concentrar muito intensamente a atenção no modelo de vida que se pretende exhibir. É uma fase em que a palavra «santificação» deve ter um significado mais ponde-



rado, mais amadurecido. É uma altura em que as questões deste mundo não se podem interpor como obstáculos à apreciação e aceitação do supremo sacrifício do Calvário. É então que se vive mais em termos transcendentais e menos em limites temporais.

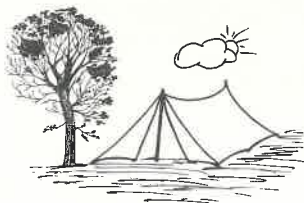
A família e os mais idosos

Toda e qualquer família cristã não pode esquecer o mandamento com promessa. A honra que é aconselhada por Deus não pode ser um sentimento vazio, nem uma manifestação de vaidade platónica. Ter ancestrais de idade já avançada deverá ser considerado como uma graça divina, uma bênção a ser desfrutada pelo agregado familiar, um privilégio que o Céu concede para tornar possível executar uma mui nobre obra que trará pinceladas muito vantajosas ao quadro da vida. Não pode ser esquecido o exemplo de Cristo, quando cuidadosamente provê um amparo carinhoso para a sua mãe. Certamente que alguns dirão que os incómodos são muito evidentes. Não podendo ser contestado esse facto, deve o mesmo ser encarado com uma visão despida de egoísmo ou de outros preconceitos.

Há, todavia, casos, principalmente quando surgem graves alterações físicas ou psíquicas, que carecem de uma reflexão particular. Quando a família diariamente se dispersa para o exterior devido aos seus compromissos profissionais ou académicos — e há familiares idosos carecidos de permanente acompanhamento — pode ter de se encarar o recurso a uma instituição adequada. No entanto, não pode ser esquecido que, mesmo quando há grandes alterações comportamentais, continuam as pessoas nessas condições a serem dotadas de sensibilidade, sofrendo a amargura da solidão e a ausência de afecto. Quando se tiver de encarar esta hipótese, importa fazê-lo da forma mais humana e sensível para não «armazenar» familiares em instituições totalmente

desumanizadas. As visitas deverão ser tão frequentes quanto o permita a vida ou o imponham as circunstâncias e, caso haja crianças, estas devem ser envolvidas em todo o esquema gerador de carinho. Torna-se fundamental que a família entenda as limitações, necessidades e potencialidades dos mais idosos para estar à altura da sua missão. Não sendo geralmente aceite a eutanásia efectiva nos países ditos civilizados, pratica-se cada vez mais na família uma grotesca e brutal eutanásia afectiva.

Nas relações entre elementos de gerações distintas deverá imperar um sentimento gerador de felicidade, baseada numa intensa comunhão espiritual da família. Se cada elemento tiver como objectivo amenizar as asperezas da vida dos outros, respeitando, entretanto, a sua independência e privacidade, a família estará a antecipar o Céu, onde todos desejamos viver, sejam quais forem as idades que tenhamos. Cada elemento não pode esperar dos outros mais do que aquilo que ele próprio pode dar, nem pode exigir que os outros realizem tudo quanto ele está em posição de fazer. Que cada um dê de si aos outros o que tem e o que julga não ter, tudo bem acomodado no amor, reflexo da essência de Deus.



Acampamento de Famílias

Costa de Lavos
21 a 31 de Agosto

Faça os seus planos de férias contando assistir a este Acampamento. Convite especial aos jovens casais.

Colaboração do Dr. Raul Posse e Esposa

Quando a religião divide o lar

HELENE RHODE

Quando Jane chegou a casa, foi como se apanhasse um balde de água fria. De facto, ela não podia ter estado menos preparada para a hostilidade da família. Minutos antes, no seu baptismo, parecia-lhe ter sido cheia do calor do sol e da alegria da sua fé recém-descoberta. Armada de elevados ideais para os seus familiares, e com uma determinação de os converter, Jane chegou a casa.

«De repente, fiquei sozinha! A minha família resistia a qualquer tentativa de mudança. Amigos e familiares não se sentiam à vontade comigo. Como os estudos Bíblicos formais tinham acabado, deixei de receber visitas de pessoas da igreja. Parecia que ninguém compreendia, ou se importava com o meu desespero, com a minha solidão. Ninguém, excepto Ana.»

Ana e Jane baptizaram-se no mesmo dia. Tinham problemas semelhantes. Por isso, animavam-se uma à outra, e assim permaneceram fiéis. Choravam juntas, oravam juntas e juntas estudaram as suas Bíblias. Compraram diversos livros do Espírito de Profecia e também a série de histórias cristãs para crianças, com sacrifício e a expensas da própria alimentação. Algum tempo depois, combinaram juntas inscreverem os filhos na escola da igreja, embora estes lhes fizessem tremendas objecções. As duas mulheres não sabiam de onde viria o dinheiro para a escola. Os maridos de ambas mostraram-se aborrecidos e ameaçaram mesmo deixá-las.

Agora, quatro anos depois, a fa-

mília de Jane está toda na igreja. Embora o marido de Ana continue explosivo, ele é, às vezes, mais colaborante.

«Ame-o mesmo assim», é o conselho habitual que é dado aos recém-baptizados cujos cônjuges são descrentes, mas nem sempre é o suficiente. Para uma pessoa criativa, que teve a experiência de um lar paterno feliz, esse conselho pode dar resultado, mas dificilmente se adequa a quem tem pouca confiança em si mesmo ou a quem vem de um lar em que os pais não tinham capacidades de paternidade ou mesmo de casamento. Tentar converter um cônjuge descrente pode levar-nos a erros humilhantes. «Como ser cativante e simultaneamente manter os meus valores e o meu casamento?» são perguntas úteis e pertinentes.

Embora este artigo se dirija especificamente a mulheres, que são muitas vezes as primeiras a responder ao chamado do Evangelho, os conselhos referidos aplicam-se igualmente ao homem que encontra oposição religiosa no seu lar.

A mulher, cujo auto-respeito permanece intacto, respeitará a necessidade que o seu marido possa ter quanto a tempo e espaço emocional para tomar decisões sobre religião. Ela evitará dirigir-lhe uma mensagem do género: «Quando aceitares a minha fé, então poderemos dar-nos bem». Não tentará manipulá-lo de forma a procurar que ele seja a pessoa que ela idealiza. Em vez disso, procurará aceitar o seu marido tal como ele é — a soma de todas as suas experiências passadas, que é, afinal, o que ela própria é.

Nos seus momentos devocionais, a mulher (ou marido) crente

HELENE RHODE

Dirige Seminários e Retiros Espirituais dedicados a Mulheres Adventistas.

deveria orar assim: «Senhor, que queres que eu faça?» É que, ao falar com o marido, ela precisa de ouvir as suas próprias palavras e perguntar-se: «Sentirá ele que eu estou 'por' ele ou 'contra' ele?» A empatia genuína é sensível àquilo que a outra pessoa sente, e, a seguir, compartilha esses sentimentos que compreende.

Uma mulher costumava orar pelo seu marido descrente na reunião de oração. Dias depois, no Sábado de manhã, viu-o vestir-se para a acompanhar ao culto. O choque foi muito grande. Disparou: «Mas como é que vamos pagar as nossas contas, se não trabalhares ao Sábado de manhã? E se te despedirem?» Sem uma palavra, aquele marido não crente, voltou a vestir a sua roupa de trabalho. Nunca pôs os pés na igreja. Como é triste que uma coisa destas aconteça! E, todavia, isso já tem acontecido em mais de um lar!

Procurando descobrir maneiras de passar juntos bons momentos.

Algumas mulheres reconhecem que quando viram os seus maridos mostrar interesse pela religião fizeram ou disseram coisas que os desanimaram. Isso é uma grande responsabilidade. Se ela tiver, de facto, a noção do valor de uma alma, encorajará o mais pequeno passo do marido em direcção a Deus. Fá-lo-á de braços abertos, pois é assim que o nosso Pai Celestial procede.

Algumas mulheres que vêm para a igreja provêm de lares abusivos (em que se usam práticas violentas). As diferenças religiosas entre cônjuges aumentam o *stress* que eleva as tensões entre ambos e aumenta o próprio abuso: verbal, físico, ou ambos. O apóstolo Paulo toca o âmago do problema em I aos Coríntios, capítulo 7.

Perguntará alguém: «Como posso fazer operar mudanças nos ou-

tros sem falar demasiado?» Em primeiro lugar, conheçamo-nos a nós próprios; a seguir, sejamos nós mesmos. O fingimento é fútil e inapelativo. Reconheçamos esse potencial de indizíveis influências, que são as nossas atitudes. «Muitas vezes é a nossa atitude, a atmosfera que nos envolve, que determina o que será revelado no outro.» — *A Ciência do Bom Viver*, p. 360.

A maioria dos casamentos requer as mesmas qualidades básicas. Neste delicado equilíbrio, o amor deve ter completa preponderância. Quando se puser a questão de seguir determinado princípio, como, por exemplo, o pagamento do dízimo do nosso dinheiro, a observância do Sábado, o adorno pessoal e educação Cristã, domínios onde certamente se tem de diferir, façamo-lo com um expresso sentimento de pesar. Discorremos de modo amável, como dizem os conselheiros. Manifestemos os nossos sentimentos respeitando simultaneamente os dele e propondo soluções de compromisso sempre que não estiverem em jogo quaisquer princípios.

Alguns maridos acham que estão a ser defraudados. O seu marido casou consigo para ter companheirismo social, o qual, provavelmente, incluía beber, dançar e divertir-se. Por esta razão, não permita que a igreja ocupe todo o seu tempo livre, porque ele também tem direito à sua parte. Faça o

possível por descobrir formas substitutas para poderem passar juntos bons momentos. Ao respeitar a sua liderança em tantos domínios quanto possível, criará laços conjugais mais fortes.

Procure trabalhar em favor dos outros, procure falar e orar com outras pessoas que tenham as mesmas preocupações, e assim evitará a solidão da autocompaixão.

Aprendamos a firmeza e a flexibilidade com a história de Abigail. Ela podia ter sido menos firme e deixar David matar toda a casa do seu marido, ou podia ter sido tão abrasiva que David a não escutasse. Em vez disso, adoptou uma atitude conciliatória, mostrando querer resolver os problemas.

Enquanto Nabal demonstrou pelo seu comportamento o que um homem se torna quando sob o domínio de Satanás, Abigail tornou-se uma brilhante ilustração de feminilidade cristã. (Ver I Sam. 25; *Patriarcas e Profetas*, pp. 665-668; *The SDA Bible Commentary*, EGW Comments on I Sam. 25:18-31, 39, p. 1 022.)

Quando a desarmonia de um lar dividido vos perturbar, lembrai-vos da palavra de Jesus: «Confia no Senhor de todo o teu coração» (Prov. 3:5). Lembrai-vos que «o perfeito fruto da fé, mansidão e amor muitas vezes amadurece melhor no meio de nuvens de tempestade e escuridão.» — *Parábolas de Jesus*, p. 61.

Seminário Maranata

de 22 a 31 de Agosto no Colégio de OLIVEIRA DO DOURO

Dirigido pelos Pastores Samuel Monnier, da Conferência Geral, e Harald Knott, da Divisão Euro-Africana

Aprenda a melhor maneira de partilhar a sua fé

Faça os seus planos de férias de modo a poder passar uma semana no Colégio Adventista de Oliveira do Douro.

Oportunidade extraordinária de viver uma experiência de fé e testemunho.

Inscrição: Esc. 7.500\$00
Participação da Igreja e União

MARANATA! — O Senhor vem!

Informe-se na sua Igreja

A Família de Hoje

ROGER L. DUDLEY

As estatísticas apresentadas referem-se aos E. Unidos. Todavia, os dados indicados não diferem muito do que se passa em outros países, incluindo o nosso.

Quando Deus planeou a criação dos seres humanos, viu, na Sua infinita sabedoria, que o melhor plano era colocá-los em famílias (Gén. 1:27, 28, 31). O Seu propósito era, pois, ter filhos educados numa atmosfera de amor, que assistisse ao despertar da sua inteligência para compreenderem a graciosa natureza do seu Pai Celestial.

Ellen White escreveu: «O Senhor determinou que a família seja o maior dentre todos os factores educacionais.» «A felicidade da sociedade, o êxito da igreja, a prosperidade da nação, dependem das influências domésticas.»¹ Um dos mais inspiradores títulos que a Bíblia atribui a Deus é «Deus de todas as gerações de Israel» (Jer. 31:1). Algumas versões, como, por exemplo, a *Bíblia de Jerusalém*, das edições Paulinas (S. Paulo, Brasil), usam a expressão «Deus de todas as famílias de Israel.»

Não é de surpreender que a guerra de Satanás contra a criação de Deus tenha muitas vezes revestido a forma de ataque à família. Na nossa civilização ocidental a família esteve sob apertado cerco nos últimos anos da década de 60 e princípio da de 70. Apareceram livros com os títulos mais estranhos: *Morte à Família*, *O Céu ajuda o Lar*, *O Casamento é o Inferno* e *A Família Nuclear em Crise: a*

busca de uma Alternativa. Os críticos descreveram a família em termos como: «Crise longa e perigosa», «sombria» «em vias de desmoronamento», «fragmentação», «desintegração», «desorganização» e «instabilidade». ²

Qual é, então, o estatuto corrente da família na sociedade ocidental e, particularmente, nos Estados Unidos da América, país das estatísticas.

Casamento e divórcio. A família tradicional era baseada no casamento. Porém, hoje as pessoas estão menos dispostas a casar e, sobretudo, a permanecer casadas. As estatísticas americanas de 1981, *Statistical Abstract*, revelavam que de 162 milhões de americanos com 18 ou mais anos de idade, 20,5% eram solteiros, 64,9% casados, 7,9% viúvos e 6,7% divorciados. Os casados compreendiam 73,2% em 1965, mas esta percentagem foi baixando todos os anos até ao número actual. Simultaneamente, a proporção dos divorciados tem vindo a aumentar firmemente: de 1,4% em 1940 até aos actuais 6,7%. De um outro ponto de vista, havia 35 divorciados que não voltaram a casar, de cada 1000 casados em 1960. Em 1981 esta percentagem tinha subido a 109 por 1000, com 211% de aumento.

Uma família é definida como duas ou mais pessoas relacionadas por nascimento, casamento ou adopção residindo juntas. Em 1981 havia mais de 60 milhões de famílias nos E.U. Um aumento de 17,9% desde 1970. Mas também havia mais de 22 milhões de casas com pessoas que vivem debaixo do mesmo tecto, embora não sendo famílias, o que representa um aumento de 84,7% durante o mesmo período. ³

Entre 1970 e 1980, o número de divórcios aumentou de 65%. Perto de 40% de todos os casamentos americanos terminam em divórcios, tendo a maioria dos divórcios ocorrido nos primeiros dois anos de casamento. ⁴ De facto, as mulheres que casam entre os 14 e os 17 anos têm o dobro das possibilidades de se divorciarem, em comparação com as que casam entre os 18 e os 19 anos, e três vezes mais do que as que casam entre os 20 e os 24 anos. Os homens que casam até aos 19 anos têm o dobro das possibilidades de divórcio do que os que casam entre os 20 e os 24 anos. ⁵

Uma das razões da instabilidade da família moderna é uma atitude pública mais permissiva em relação ao divórcio. Num recente inquérito a mais de 200000 leitores, a Revista *Better Homes and Gardens* descobriu que 61% achava justo que um casal que não se desse bem se divorciasse, mesmo que houvesse filhos. Se não tivessem filhos, então 74% aprovava o divórcio. ⁶

Filhos. As famílias de hoje têm poucos filhos. A média da família americana era, em 1981, de 3,27 membros contra 3,54 em 1950. ⁷ E estatísticas seguras apontam para uma diminuição na proporção da reprodução. A percentagem de 1980 era de 1,76 filhos por mulher durante a sua vida. Isto representa um declínio, pois em 1957 era de 3,76. ⁸ Esta diminuição resulta de factores económicos, de melhores métodos anticoncepcionais e de um crescente aumento de mulheres que escolhem carreiras fora do lar.

Hoje apenas cerca de uma família em cada quatro se conforma com a tradicional imagem do Pai ganhador do pão, da Mãe dona de casa, e dos Filhos dependentes. Na realidade, os casais sem filhos com menos de 18 anos constituem 47% do total de famílias. Há milhões de «singulares» (solteiros, viúvos ou divorciados). Os segundos casamentos produziram uma crescente quantidade de famílias mistas. ⁹ Calcula-se que cerca de

ROGER L. DUDLEY

Director-adjunto do Instituto «Ministério da Igreja» da Universidade de Andrews.



«Bebés-operários» ...

50 milhões de americanos estejam envolvidos numa espécie de relação parafamiliar (padrasto, madrasta, etc.).¹⁰

Em 1970, 84,9% dos filhos com menos de 18 anos e 86,7% dos que tinham menos de 6 anos viviam com ambos os progenitores. Por volta de 1981, esses números tinham baixado para 76,4% e 78,9%. Por outro lado, aqueles de idade inferior a 18 anos, a viverem com uma mãe divorciada, aumentou de 3,3% para 7,8% e aqueles com menos de 6 anos passaram de 2,5% para 5% durante o mesmo período. E os filhos com menos de 18 anos vivendo com uma mãe solteira aumentaram de 0,8% para 2,9%, enquanto os de menos de 6 anos passaram de 1,3% para 4,4%.¹¹ As perspectivas são de que uma em cada 6 crianças passará pelo menos 2 anos numa família em que só exista pai ou mãe.¹²

Um sinal dos tempos é-nos

dado pelos inquiridos que a citada Revista levou a efeito. 83% dos inquiridos responderam que um casal não precisa de ter filhos para terem uma vida feliz e se sentirem realizados.¹³

Esposas que trabalham. Qualquer tentativa para compreender a família de hoje tem de tomar em consideração a transição entre uma estrutura tradicional e a estrutura de duas carreiras simultâneas. Citando Eli Ginzberg, que diz que o aumento espectacular de mulheres que procuram emprego remunerado é o «fenómeno singular mais notável do nosso século», Sar Levitan e Richard Belous declararam: «Em tempos foi a mulher trabalhadora que foi levada a crer... que ela era uma singularidade... Agora, estas forças culturais quase se inverteram e a mulher que não tiver uma profissão fora do lar é muitas vezes descrita como alguém em cuja vida falta realização.»¹⁴

Em 1890, menos de uma em cada cinco americanas pertencia à força do trabalho e a grande maioria das que trabalhavam eram solteiras ou viúvas. Nessa altura, as mulheres casadas que viviam com os maridos atingia apenas 14% das mulheres que trabalhavam; 19 em cada 20 estavam em casa e não procuravam emprego remunerado.¹⁵ E mesmo em 1948, apenas 26% das mulheres casadas, com filhos em idade escolar, trabalhavam fora do lar.¹⁶ Hoje, em contrapartida, mais de metade de todas as mulheres com filhos com menos de 18 anos e perto de 49% das mulheres com filhos de menos de 6 anos têm empregos fora.¹⁷ Os casais que trabalham constituem mais de 50% de todos os casais casados, contra 39% em 1970.¹⁸

Já não se pergunta a uma jovem se prefere uma profissão ou uma família. Está claro que ela optará por ambas. Cerca de 70% das mulheres com uma profissão voltam ao seu trabalho quatro meses depois de terem tido um filho.¹⁹ Isto significa que uma grande proporção das crianças de hoje receberão parte da sua formação em centros de cuidados infantis ou de empregadas domésticas.

Também tem havido uma profunda alteração nas funções do marido e da mulher. A mãe dos velhos tempos, quando tinha uma profissão, mostrava-se «estudadamente cuidadosa de que a vida do pai não se alterasse consideravelmente por causa do seu emprego.»²⁰ Hoje isso já não acontece. O trabalho da mulher é sério — não apenas um «dinheiro para alfinetes.» O marido já não leva sozinho a responsabilidade de ganhar para as despesas do lar.

As esposas tornaram-se sócias perfeitas. Do mesmo modo, espera-se que os maridos compartilhem também de forma mais justa, as tarefas domésticas. Na realidade, 57% das inquiridas por *Better Homes and Gardens* disseram que os seus maridos partilham equitativamente o fardo dos trabalhos caseiros.²¹

Mas há mais. «Com esposas

contribuindo para o orçamento familiar, muitas mulheres exigem não apenas uma partilha igual das tarefas domésticas, mas também uma partilha das decisões da família.»²² Eis uma nova igualdade no lar, que será bem-vinda por muitos. Mas 69% dos que a pesquisa alcançou responderam que o facto de a esposa trabalhar tem um efeito negativo sobre a vida familiar.²³

Esta transformação dos padrões sociais parece ter contribuído para aumentar a percentagem dos divórcios por duas razões: muitas vezes é difícil para um homem vindo de um ambiente tradicional aceitar que a mulher trabalhe fora do lar, com a mudança de funções e de estatuto que isso geralmente acarreta. Além disso, a nova independência económica tem permitido às mulheres optarem pelo divórcio, pela separação quando o casamento se torna insatisfatório — uma escolha que não estava geralmente à sua disposição no passado.

Pressões económicas e temporais. Muitas das famílias de hoje encontram-se sob a dupla pressão da inflação e do desemprego. Os custos de educar um filho desde o nascimento até ao fim dos estudos liceais aumentaram consideravelmente. Segundo cálculos nos E.U. entre 1977 e 1981 houve um aumento de 52%²⁴ e desde então devem ter duplicado. Financeiramente, as mudanças na sociedade fizeram dos filhos mais passivo do que activo.

A família no passado (que vivia geralmente no campo ou tinha um negócio doméstico) era virtualmente auto-suficiente. Normalmente tinha muitos filhos e toda a família trabalhava como uma equipa. Por isso os filhos eram altamente valorizados. Hoje, quando se têm de comprar quase todos os produtos, os filhos tornaram-se consumidores. A noiva de hoje não gostaria que lhe pronunciassem a bênção dada a Rebeca: «Sejas tu a mãe de milhares e milhares» (Gén. 24:60).

A isto acrescenta-se o fardo da publicidade que orienta e impe-

le ao consumo. Onde quer que exista a televisão ou outros meios de comunicação, a publicidade faz as pessoas sentirem-se frustradas se não tiverem todas as *coisas* que se anunciam. E o desemprego leva ao «horror de ser posta de lado, de ter de engolir o seu orgulho e violar o seu senso de individualidade para receber auxílio, incluindo auxílio material.» E com tudo isto vai-se perdendo o sonho de que a vida pode ser melhor para os nossos filhos.²⁵

Vive-se num tempo de angústia e de aperto. Hoje, a esposa média tem 20% menos de tempo para os cuidados do lar e dos filhos do que há 10 anos.²⁶ É difícil encontrar o tempo necessário para educar os filhos através de relações pessoais. Perto de 70% dos que responderam ao citado inquérito disseram que às vezes ou muitas vezes se sentiam demasiado cansados. A vida é uma corrida e não conseguem manter-se sem desanimar.²⁷

«O Senhor determinou que a família seja o maior dentre todos os factores educacionais.»

Forças do exterior. Em tempos, os pais eram a fonte primária da socialização dos filhos. Hoje, eles sentem-se muitas vezes impotentes perante outras forças que se chocam com os seus valores, como por exemplo, a TV, a escola ou os grupos de companheiros. A família média dedica mais de 6 horas por dia a ver TV.²⁸ Os filhos já não são resguardados das conversas e preocupações dos adultos. Mesmo uma família que não possui rádio nem televisão, não pode evitar a exposição dos filhos ao exterior. Quando pediram aos leitoras da Revista que fizessem uma lista dos factores de maior influência sobre o desenvolvimento geral dos filhos com menos de 12 anos,

81% indicaram os pais. Mas 33% indicaram a TV e 26% os amigos. A TV vinha em segundo lugar e muitas vezes era vista como importante factor negativo.²⁹

A família de hoje enfrenta o problema de as tradições já não ditarem padrões para a maioria das pessoas, especialmente no que respeita aos valores. Ao perguntarem aos pais qual a maior ameaça para a vida da família, a maior parte dos leitores (33%) indicou a «ausência de bases espirituais». Um leitor expressou a seguinte opinião, que é seriamente partilhada por outros: «Uma forte crença em Deus e a unidade que existe quando se O adora em comum ajuda a dar significado e direcção à vida da família»³⁰

A despeito dos problemas, há encorajantes sinais para a família de hoje. Enquanto que nos anos sessenta a família era declarada obsoleta, «ultimamente, todavia, as opiniões alteraram-se: do mesmo modo que Winston Churchill via a democracia, os críticos sociais estão a decidir que a família é o pior sistema possível, excepção feita para todas as outras alternativas. Não há melhor invenção do que a família, nenhum substituto que seja melhor do que ela, diz Sarane Boocock, socióloga da Universidade Rutgers. A questão não é como suplantá-la, mas como apoiá-la.»³¹

Em 1983, pela primeira vez em 20 anos, a percentagem de divórcios na América desceu em vez de subir — uma descida de 3%³² e 79% dos que responderam à Revista *Better Homes and Gardens* disseram que os seus filhos adolescentes partilham as suas crenças básicas acerca do casamento, da família, do sexo e da religião — um quadro muito mais positivo do que há 6 anos.³³

A família de hoje não pode fazer o relógio andar para trás. Então como aproveitar ao máximo as oportunidades dadas por Deus numa moderna sociedade secular? Nick Stinnett, da Universidade de Nebraska, estudou perto de 700 famílias seleccionadas através de

toda a nação como «notáveis» por agentes económicos locais e por 41 jornais diferentes. Descobriu seis qualidades especiais que as famílias «fortes» partilhavam: 1) Os membros gostavam uns dos outros; 2) os membros da família faziam grande quantidade de coisas juntos; 3) todos os membros eram leais uns aos outros e profundamente empenhados no bem-estar da família; 4) comunicavam aberta e honestamente uns com os outros; 5) a religião desempenhava um papel importante nas suas vidas; 6) permaneciam juntos e eram capazes de lutar juntos nos momentos de crise.³⁴

Decerto parte da última mensagem que os Adventistas do Sétimo Dia têm para o mundo é uma mensagem para as famílias. «Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam» (Sal. 127:1).

Referências

1. *O Lar Adventista*, pp. 182, 15.
2. Charles M. Sell, *Family Ministry* (Grand Rapids: Zondervan, 1981), pp 19, 20.
3. U. S. Bureau of the Census, *Statistical Abstract of the United States: 1982-1983 edition* (Washington, D.C.: 1982), pp. 38, 40-43.
4. Stacia Robbins, *The American Family — How Is It Changing?* *Senior Scholastic*, Fev. 20, 1981, pp. 14:17.
5. Graham B. Spanier and Paul C. Glick, «Marital Instability in the United States: Some Correlates and Recent Changes,» *Family Relations*, 30 (Julho 1981): 329-338.
6. «What's Happening to American Families?» *Better Homes and Gardens*, 1.^a Parte, Julho, 1983, pp. 24-36; 2.^a Parte, Agosto, 1983, pp. 15-33.
7. *Statistical Abstract*, p. 43.
8. Robbins, *op. cit.*, p. 15.
9. «Saving the Family,» *Newsweek*, Maio 15, 1978, pp. 63-90.
10. «The New American Family,» *Ladies' Home Journal*, Agosto, 1983, pp. 85-89. 153-156, 160-164.
11. *Statistical Abstract*, p. 52.
12. Robbins, *op. cit.*, p. 15.
13. *Better Homes and Gardens*, Agosto, 1983, p. 15.
14. Sar A. Levitan and Richard S. Belous, *What's Happening to the American Family?* (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1981), p. 78.
15. *Ibid.*, pp. 85, 86.

16. Jean Elstain, «Hard Times for the American Family,» *The Progressive*, Maio, 1981, pp. 16-19.
17. *Marriage Enrichment: Monthly Publication of the Association of Couples for Marriage Enrichment*, Setembro, 1983, p. 5.
18. «Reducing Stress in Two-Career Families,» *U.S. News and World Report*, Nov. 2, 1981, pp. 89, 90.
19. *Ibid.*
20. *Ladies' Home Journal*, p. 160.
21. *Better Homes and Gardens*, Julho, 1983, p. 29.
22. Levitan and Belous, *op. cit.*, p. VIII.
23. *Better Homes and Gardens*, Julho, 1983, p. 32.

24. *Ladies' Home Journal*, p. 89.
25. Elstain, *op. cit.*, p. 19.
26. *Ladies' Home Journal*, p. 154.
27. *Better Homes and Gardens*, Julho, 1983, p. 36.
28. *Newsweek*, p. 87.
29. *Better Homes and Gardens*, Agosto, 1983, p. 16.
30. *Ibid.*, Julho, 1983, pp. 24, 26.
31. *Newsweek*, p. 63.
32. *Marriage Enrichment*, Nov. 1983, p. 2.
33. *Better Homes and Gardens*, Agosto 1983, p. 16.
34. *Marriage Enrichment*, Março, 1982, p. 1.

Ide e Ensino

O Lar em três dimensões

Introdução

a) «O coração da sociedade, da igreja e da nação é o lar.» O lar «deve ser um pequeno Céu na Terra.» — *O Lar Adventista*, p. 15.

b) *Lar*, do Latim LARE, significa o lugar onde se acende o fogo na cozinha, e, por extensão, Casa ou Família.

I. O LAR EDÉNICO

1. Instituição divina — Gén. 2:24
 - a) Homem e Mulher — Gén. 1:2
 - b) Uma só carne — Gén. 2:24
2. Dimensão espacial, o jardim do Éden — Gén. 1:28; 2:8
3. Dimensão espiritual: o livre arbítrio — Gén. 2:16, 17

II. O LAR TERREAL

1. Memória do Éden
2. Os cuidados da vida: Espinhos e cardos. Gén. 3:18, 19; Mat. 6:25
 - a) Os lírios do campo e as aves do Céu
 - b) Deus sabe que haveis mister destas coisas
3. Deus abençoa o lar — Sal. 144:12-14
 - a) Marido e Pai — Efés. 5:28
 - b) Esposa e Mãe — Prov. 31:26-28
 - c) A herança do Senhor: os filhos — Gén. 3:20, Sal. 127:3
4. Segredos de um lar feliz
 - a) O amor — Prov. 15:17
 - b) Pais que ensinam e encorajam — Efés. 5:4 e Col. 3:21
 - c) O entendimento — Col. 3:19 e I Ped. 3:7
 - d) O altar da família: (exemplo de Abraão — Gén. 2:8) I Tess. 5:17 e 18

5. Perenidade do lar

- a) Não busques separar-te — I Col. 7:27
- b) O que Deus ajuntou — Mat. 19:6
- c) Santificação mútua — I Cor. 7:14

III. O LAR CELESTIAL

1. «Vou preparar-vos lugar» — João 14:2; Heb. 11:10 e 16; Isa. 65:17
2. Onde está o teu rebanhó? — Jer. 13:20; Isa. 8:18
3. Não mais dor, sofrimento, morte ou tristeza — Apoc. 7:17; Sal. 103:3-5
4. Unidos em Cristo: Ele é tudo em todos

Conclusão

1. Vivência cristã
 - a) Os que vivem sós — Sal. 68:6
 - b) Órfãos e viúvas — Tiago 1:27
 - c) Os mais idosos — Lev. 19:32
 - d) A família da fé — Gál. 6:10
2. A família vitoriosa
 - a) O Espírito Santo gera concórdia — Mal. 4:5, 6
 - b) «Marido e mulher podem, unidos, reclamar as promessas divinas e atrair sobre a família Suas ricas bênçãos.» *O Lar Adventista*, p. 218
 - c) «Eu orei por ti, para que a tua fé não desfaleça». «Não temas» — Isa. 54:5
3. Há amigo mais chegado que um irmão — Prov. 18:24

M. R. Baptista

Porque é que os pais adventistas não podem ser complacentes.

GARY SWANSON

Entrevista com Paul e Carol Cannon, directores do Programa The Bridge Fellowship. [O Companheirismo da Ponte].



Como começou este extraordinário ministério do Companheirismo da Ponte?

Paul: Enquanto o Companheirismo da Ponte ia mais ou menos ganhando forma, alguns jovens da Universidade de Andrews perguntavam-nos se podiam ficar em nossa casa. E descobrimos que

um certo número deles tinham problemas com drogas. Achámos então que era providencial Deus ter-nos enviado essas pessoas.

Cerca de 35 jovens moraram connosco, durante vários períodos de tempo, e muitos deles conseguiram libertar-se da dependência das drogas enquanto viviam em nossa casa, no Michigão. Assim, sentimos que éramos chamados por Deus para seguir este ministério a tempo completo. Mudámo-nos para Bowling Green, no Kentucky. E desde que aqui estamos, já viveram connosco mais de 100 jovens.

No vosso modo de ver, quanto penetrante é o problema da bebida e das drogas na comunidade adventista?

Carol: Não temos acesso a quaisquer dados científicos que possam, com rigor, responder a essa pergunta. Mas temos estimativas fundamentadas em boas informações de várias pessoas que trabalham de perto com os jovens. Parece que nas nossas escolas secundárias e nas nossas universidades pelo menos 50% dos jovens já tiveram ou têm uma experiência regular com um determinado número de drogas — especialmente álcool e marijuana.

Esta estimativa condiz com dados de escolas paroquiais em geral (de todas as denominações). Cerca de 57 a 59% dos estudantes dessas escolas usam drogas e álcool. Uma vez passado o choque deste terrível número, tem de se enfrentar o facto de que estes nossos filhos, que estão tendo uma experiência com drogas e álcool, correm um risco mais elevado de se tornarem problemas sociais do que o público em geral.

Paul: Temos de ter em mente que a Igreja Adventista está a crescer muito rapidamente em muitos lugares, e que muitos jovens que vêm para os nossos internatos são adventistas há muito pouco tempo, muitos deles vêm de famílias em que é hábito beber-se, e que eles próprios bebiam antes de assistirem à campanha de evangelização ou antes de um colportor lhes ter batido à porta.

Um outro grupo vem de lares adventistas conturbados, de lares em que o pai ou a mãe não é adventista. Ou de pais separados ou divorciados.

Ao longo dos anos, também observámos uma terceira categoria. Tivemos alguns jovens, poucos, que tinham sido adoptados por famílias adventistas. Em todas as nossas escolas, há sempre alguns jovens que sentem uma espécie de incerteza acerca das suas raízes e que se questionam sobre os seus verdadeiros pais. Esta tendência para o alcoolismo poderia ter raízes na sua hereditariedade.

Todavia, um certo número dos jovens que passaram pelo nosso programa vêm de boas e tradicionais famílias adventistas. A razão primária por que estes adolescentes se envolvem com drogas é a pressão dos seus colegas. Pode-se ter um bom lar e todavia os filhos meterem-se em drogas só por influência dos seus camaradas.

Carol: Não há qualquer justificação, na sociedade em que hoje vivemos, que permita que um pai ou mãe adventista seja complacente acerca do perigo que as drogas representam para os seus filhos. Por outro lado, também não podemos permitir-nos entrar em pânico. Temos de ter uma visão

GARY SWANSON

É director-adjunto da Revista *Listen*, publicada nos Estados Unidos. Paul e Carol Cannon são directores da The Bridge Fellowship (Companheirismo da Ponte), um centro adventista de aconselhamento para jovens. Pais de dois filhos adolescentes, os Cannon têm dirigido Seminários de Alerta às Drogas nas nossas igrejas da América do Norte. Paul e Carol possuem graus académicos que os habilitam para o trabalho que desenvolvem (M.A. em religião, e M.A. em aconselhamento).

realística da sociedade em que os nossos filhos vivem, e reconhecer que não somos imunes às pressões sociais. Não penso que qualquer de nós se possa permitir sentar-se muito descansado e dizer que temos um código ético de abstinência que nos vai proteger das coisas que nos cercam. Já não podemos depender disso, porque os nossos filhos estão altamente expostos às drogas e ao álcool.

É preciso mais do que dignidade pessoal para uma pessoa fazer escolhas certas.

Paul: As espécies de pressão que fazem com que uma família secular se divorcie funcionam igualmente nas famílias adventistas. Porque vemos um enorme problema de drogas no mundo secular, podemos esperar vê-lo também na igreja.

Que pode um pai ou uma mãe fazer para evitar que o seu filho se envolva com álcool e drogas?

Carol: Os adventistas sempre pensaram que se fossem bons pais, se tivessem lares bons e estáveis, os seus filhos haveriam de desenvolver uma tão elevada auto-estima que isso os protegeria de certas tentações. Há alguma verdade nisso, mas isso só não basta. É preciso mais do que dignidade pessoal para uma pessoa fazer escolhas certas e decisões justas acerca de beber ou tomar drogas.

Informar os filhos sobre o comportamento que espera os que tomam drogas ou bebem é tão importante como proporcionar-lhes educação sexual e instruí-los sobre o controlo da natalidade. Às vezes, porém, temos a tendência de pensar que, se dissermos demasiado aos filhos, isso os vai prejudicar. Achamos que falar-lhes

do álcool e drogas é já dar-lhes permissão para isso.

Paul: Tanto quanto possível, os pais deveriam estar interessados naquilo em que os filhos estão interessados. Diria, também, que mantivessem a comunicação aberta em todo o tempo para permitir à criança ou jovem dizer a verdade, e manter a comunicação aberta sem demasiada reacção. A maioria de nós não comunica tanto como pensa que o faz. Um filho deveria, de qualquer modo, sentir que os seus pais estão procurando, tanto quanto podem, ser compreensivos.

Carol: Os pais também têm que saber mais acerca de drogas do que os seus filhos sabem, e isso significa ter de fazer algum «trabalho de casa». Somos incrivelmente ingénuos acerca das várias espécies de drogas e seus efeitos, e acerca do que se passa na rua, nas casas de banho da igreja, no pátio da escola ou no dormitório do internato.

Há toda a sorte de instituições oficiais e da nossa própria Igreja através dos quais podemos obter informação. Há bons documentários na televisão. Deveríamos tomar nota e saber quando eles vão ter lugar. Deveríamos escrever aos Alcoólicos Anónimos, que existem em muitos locais, ou à Revista *Listen*, se lemos inglês, e pedir informações. Há vários organismos que podem proporcionar-nos o conhecimento de que necessitamos e também o Departamento de Saúde e Temperança da nossa igreja pode dar-nos uma ajuda. Precisamos de esforçar-nos mais a fim de nos tornarmos peritos neste domínio. Onde há um fosso de credibilidade, há abundância de ingenuidade. Os nossos filhos não querem manipular-nos, mas fá-lo-ão se lhe facilitarmos as coisas, porque isso faz parte do ciclo de dependência das drogas.

Quanto envolvimento com drogas deveriam os pais tolerar antes de procurar auxílio exterior?

Paul: Os pais não deveriam to-

lerar nenhum envolvimento com drogas. Deveríamos amar os nossos filhos o suficiente para não lhes permitir que se prejudiquem com drogas. É crucial que os jovens saibam que os pais não permitirão que eles se destruam a si próprios com drogas.

Carol: Não podemos permitir-nos cair na armadilha de pensar que, se o ignorarmos, as coisas terminarão por si mesmo. É um engano pensar que nada vai acontecer a um filho que está tendo uma experiência com drogas ou álcool, ou que está acompanhando um grupo de jovens que o fazem.

Paul: Bons filhos de boas famílias têm sido arrastados para a droga e têm-se metido em dificuldades.

Carol: Temos passado horas ao telefone com pais cuja descrição do comportamento dos filhos mostra claramente que eles têm usado qualquer espécie de produtos ou drogas durante vários anos. Quanto mais tempo um jovem estiver envolvido com drogas, mais diminuem as suas hipóteses de recuperação. Em termos de intervenção, não penso que em tal assunto um pai possa fazê-lo demasiado cedo. E essa intervenção tem de ser apropriada e eficiente. Não pode limitar-se a uma insípida reacção de água chilra por parte dos pais.

Onde há um fosso de credibilidade, há abundância de ingenuidade.

Paul: Tornai-vos conscientes dos sinais que podem mostrar-vos que o vosso filho está usando drogas e a seguir dai-lhes a vossa resposta. A maneira errada de reagir é negar; todavia esta é a maneira como a maioria de nós reage.

Como pode um pai ou uma mãe saber se o filho está de alguma maneira envolvido?

Carol: Há modificações repentinas na personalidade e nas rela-

ções familiares. Estai atentos a qualquer diminuição no rendimento escolar, à perda de interesse nos seus temas favoritos, nos seus passatempos ou desportos; observai qualquer mudança na aparência do jovem ou na dos seus camaradas de grupo. Tomai nota das chamadas telefónicas de gente desconhecida, reparaí se há um aumento dos conflitos familiares, um comportamento manipulativo ou astucioso e quaisquer mudanças nos padrões do apetite. Talvez haja falta de motivação e o jovem não consiga corresponder aos seus compromissos.

Paul: O jovem que está a usar drogas reage muitas vezes exageradamente a qualquer programa antidroga na TV. Se os pais encontrarem quaisquer objectos relacionados com drogas, não devem aceitar a história dos filhos, de que um amigo ou colega os deve ter deixado ali. Alguns destes sintomas são muito normais em filhos adolescentes, mas naqueles que usam drogas eles tornam-se muitas vezes exagerados.

Carol: Também é quase inevitável que outros familiares que usam drogas sejam inclinados a envolver o jovem. Os pais devem estar especialmente despertos se tiverem um outro filho mais velho com um problema de drogas ou álcool, para que o filho mais jovem não seja arrastado pelo mais velho.

Que devem fazer os pais se os filhos tiverem problemas com a lei?

Carol: Não interfiram com os procedimentos legais. Há alguns pais muito tentados a fazê-lo. Nunca devemos tentar impedir que o nosso filho sofra as consequências naturais dos seus actos ou conduta provocados pelo uso de drogas.

Paul: Podíamos contar-vos um número de casos de pais que interferiram e que mais tarde se arrependeram amargamente.

Carol: Todavia os nossos filhos nunca deveriam sentir que lhes puxámos o tapete debaixo dos

pés. Nunca devíamos deixá-los sentir que não têm o nosso apoio, a nossa confiança, compreensão e amor. Mas atravessar essa linha e tornar-se um adjuvante isto é, protegê-los das consequências das suas acções, é fazer algo que não é saudável.

O Departamento de Saúde e Temperança da nossa igreja pode dar-nos uma ajuda neste problema.

Paul: Também é bom que os pais estejam ao corrente da espécie de programas de tratamento que existem. Em consulta com os organismos legais, eles podem, algumas vezes, optar pelo tratamento do jovem como alternativa à prisão.

O importante aqui é que o filho tem de tomar consciência de quanto ele perdeu o controlo e quanto precisa de receber auxílio para o seu problema de drogas.

Carol: O que se pretende agora é saber qual a resposta apropriada para um jovem que toma drogas, que usa álcool e que tem problemas com a lei — por ser apanhado com drogas ou por o seu comportamento o imputar como drogado. Os peritos acham que há uma progressão de 4 etapas até se chegar à dependência total. Precisamos de ser capazes de diagnosticar qual o lugar em que o jovem se encontra nesse *continuum*.

A abordagem que os pais seguirem para ajudar os filhos deve ser compreensiva e multifacetada. A adicção às drogas não é causada por um único elemento, e não pode ser tratada com um único método. Algumas famílias sentem sobre si um pesado sentimento de culpa porque tomam a atitude de pensar que se trata de um problema de família, e que se forem bons cristãos e bons pais eles hão-de ser capazes de ajudar os filhos. Mas a família só por si, a igreja só por si e até o psiquiatra só por si não são capazes de pro-

porcionar a espécie de tratamento total de que o jovem precisa.

O que pode fazer a Igreja Adventista do Sétimo Dia para ajudar as nossas famílias envolvidas com drogas?

Carol: Nas instituições da Igreja precisamos muitas vezes de nos proteger de publicidade desfavorável. Quando surgem problemas de comportamento, há a tendência de querer tratar do assunto sozinho. Talvez não devêssemos preocupar-nos tanto com a publicidade desfavorável mas avançar sem medo, deixando que tenham lugar as consequências normais.

Todavia, tenho de facto uma preocupação: é que nós, como igreja, desenvolvamos uma mais vasta base de compreensão, de consciência e de terna simpatia pelas pessoas e famílias que estão passando por esta espécie de angústia. Quando uma família começa a ter esta espécie de problemas, sente que não se pode voltar para os seus irmãos e irmãs na igreja porque seriam condenados e mal compreendidos.

Durante demasiado tempo nós simplificámos demais estas coisas e dissemos que drogas, álcool e outros problemas dos adolescentes só aconteceriam em lares onde os pais falhavam. Como comunidade e como indivíduos dentro da igreja, temos um enorme trabalho a fazer com os nossos jovens, nas nossas atitudes em relação aos problemas da droga e do álcool..

Se entre nós não existir companheirismo e a compreensão deste problema de modo a levarmos as cargas uns dos outros como irmãos e irmãs na igreja de Cristo, estaremos a ferir não somente a elas, mas também a nós e à igreja como um todo.

Paul: Há imensa esperança para um jovem que se deixou envolver com drogas. O Senhor é capaz de guiar-nos de modo a que cada jovem possa ser restaurado. Já vimos jovens darem meia volta e tornarem-se verdadeiros cristãos Adventistas do Sétimo Dia e obreiros da Causa de Deus.